



UNIVERSIDADE PARANAENSE - UNIPAR
CURSO DE GRADUAÇÃO EM NUTRIÇÃO

LUIZA IARA DE MELO EBERT

**OBESIDADE E TRANSTORNO ALIMENTAR DE PACIENTES NO PRÉ E
PÓS-CIRURGIA BARIÁTRICA**

CASCADEL – PR
2021

LUIZA IARA DE MELO EBERT

**OBESIDADE E TRANSTORNO ALIMENTAR EM PACIENTES NO PRÉ E
PÓS-CIRURGIA BARIÁTRICA**

Projeto de pesquisa referente ao Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, apresentado à Banca Examinadora do Curso de Graduação em Nutrição da Universidade Paranaense – UNIPAR, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Nutrição.

Orientador (a): Ma. Tatiane dos Santos Aparecido
Gonçalves

UMUARAMA – PR
2021

LUIZA IARA DE MELO EBERT

**OBESIDADE E TRANSTORNO ALIMENTAR EM PACIENTES NO PRÉ E
PÓS-CIRURGIA BARIÁTRICA**

Trabalho de conclusão de curso aprovado como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Nutrição da Universidade Paranaense – UNIPAR, pela seguinte banca examinadora:

Prof.^a Ma. Tatiane dos Santos Aparecido Gonçalves
Universidade Paranaense - Unipar

Esp. Mônica do Vale Assis Santini
Universidade Paranaense - Unipar

Dr. Gilberto Alves (Suplente)
Universidade Paranaense - Unipar

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha mãe, pois sem a ajuda dela eu não teria conseguido. Ela quem estava ao meu lado e sempre compreendia quando eu me ausentava para realizar trabalhos, provas e etc. Obrigada mãe.

Ao meu pai, que quando eu iniciei o curso já não estava mais entre nós, mas era um grande sonho dele me ver concluindo um curso de ensino superior e, sempre me incentivou, pois sempre dizia que o estudo é algo que ninguém irá te tirar. Pai, essa é para você também.

Aos meus irmãos, que sempre estiveram comigo desde a minha infância e foram pais também.

Ao meu namorado, que sempre me incentivou a estudar e me dedicar aos estudos e sempre me auxiliava quando eu tinha qualquer dúvida. Obrigada, meu amor.

A minha professora e orientadora Tati, que diversas vezes me atendia em horários não muito pertinentes e mesmo assim sempre estava disposta a sanar minhas dúvidas e me auxiliar no que fosse preciso.

Aos demais professores, meu muito obrigado, pois evidentemente sem vocês nada disso seria possível, obrigada por compartilharem seus conhecimentos com tanto carinho e dedicação.

Aos meus colegas de turma que tornaram esse caminho leve e alcançável.

Aos meus amigos de vida que sempre foram compreensíveis, me apoiaram nunca me deixaram desistir e que vibraram comigo a cada nova conquista.

E por fim, agradeço a mim, pois foram muitas batalhas, dúvidas, inseguranças, medo, mas que com o amor que tenho pela profissão e com o incentivo de todas essas pessoas envolvidas eu não desisti e estou perto de realizar meu grande sonho.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	6
2.METODOLOGIA	7
3. DESENVOLVIMENTO	8
3.1. FISIOPATOLOGIA E COMPLICAÇÕES DA OBESIDADE.....	8
3.1.1. INFERTILIDADE.....	8
3.1.2. OBESIDADE E INTESTINO	9
3.1.3. HIPERTENSÃO E DIABETE MELLITUS TIPO	10
3.2 COMPORTAMENTOS E FATORES EMOCIONAIS	10
3.3 CIRURGIA BARIÁTRICA	11
3.3.1 PACIENTES BARIÁTRICOS	13
4. RESULTADO E DISCUSSÃO	15
5. CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIA	43
DECLARAÇÃO DE AUTORIA	47

1. INTRODUÇÃO

A obesidade tem crescido muito no Brasil e no mundo e em todas as classes sociais e se tornou um problema de saúde pública, tendo em vista que várias outras doenças estão correlacionadas a obesidade, como: hipertensão, diabete *Mellitus* tipo II (DM2), apneia do sono, dislipidemias e alguns tipos de cânceres (DOLINSKY, 2015). Dados do IBGE, mostram que em 2019, uma a cada quatro pessoas de 18 anos ou mais estava obesa, o que sugere a 41 milhões de pessoas, já o excesso de peso para pessoas da mesma idade atingia 60,3% da população, que corresponde a 96 milhões de pessoas, no qual mostrou um maior índice às mulheres com 62,6% e homens com 57,5%. Segundo a Vigilância de Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (VIGITEL) o índice de obesidade cresceu 72% nos últimos 13 anos. Em 2006 esse índice era de 11,8% e passou para 20,3% até 2019, o maior aumento identificado em relação à incidência de obesidade, de acordo com a pesquisa feita e que foi publicada pelo UNA-SUS em 2019.

A obesidade além de trazer malefício à saúde do indivíduo traz também custos altos ao Estado, pois cerca de mais de um terço dos diabéticos e hipertensos são obesos, segundo a PNS (Pesquisa Nacional de Saúde). Os custos totais acerca da obesidade somam 699 milhões em hospitalizações e gastos ambulatoriais e 722 milhões para gastos com medicamentos, ou seja, mais de 1,39 bilhão em 2018, sendo que mais de 60% desses gastos foram com mulheres. (NILSON *et al.*, 2018). Vale ressaltar que treze a cada cem casos de câncer são atribuídos ao sobrepeso e à obesidade, segundo Instituto Nacional do Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA) publicado em 2017.

Sabe-se que um dos fatores que colaboram para esse crescimento de obesos no mundo é a praticidade em enlatados, *fast-foods*, entregas *delivery*, bem como existe o fato de que as pessoas estão cada vez mais ocupadas, com menos tempo, mais sedentárias e, por esse motivo também cresce o número de doenças psicológicas, como ansiedade e depressão, que também são fatores predominantes ao desenvolvimento de obesidade, uma vez que essa Doença Crônica Não Transmissível (DCNT) está atrelada ligada ao fator emocional (DOLINSKY, 2015). Outro fator relevante é que antigamente, antes de toda essa tecnologia e toda essa praticidade que se tem nos dias atuais, a comida era toda produzida em casa, pelo menos a grande parte, além de ser mais saudável também gerava um gasto maior de energia (SILVA, 2019).

Os indivíduos obesos constituem um grupo diversificado e complexo, para o qual se exige especial atenção e entendimento, principalmente quanto ao comportamento alimentar (BOHRER; FORBUSH; HUNT, 2015). Para Fernandes *et al.*(2018), a imposição da sociedade por corpos que julgam perfeitos, esse grupo acaba sendo atingido e desta forma surge o sentimento de culpa, ansiedade, depressão e que os induzem a comportamentos compensatórios e por diversas vezes compulsivos, o que volta a gerar sentimento de culpa, mais ansiedade podendo assim agravar os

casos de depressão. Segundo especialistas do Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, cerca de 1% da população mundial sofre de transtornos alimentares (TA). Somado a isso um estudo foi feito em Vila Velha/ES com 5 mulheres obesas, com idades entre 18 e 60 anos, todas elas foram diagnosticadas com TA e 2 delas associadas a comportamento purgativo. (FERNANDES *et al.*, 2018).

Com o aumento da obesidade, cresce também a procura por cirurgias bariátricas (CB), tanto no setor público, quanto no privado (SOUZA *et al.*, 2020). Essa cirurgia tem como pré-requisito paciente obeso grau III ou obeso grau II com alguma comorbidade (RIBEIRO *et al.*, 2018). A CB tem sido eficaz para o tratamento da obesidade e sua indicação deve ser muito cautelosa para evitar algum tipo de complicação, tanto no pré-operatório, quando o paciente se prepara para a cirurgia seguindo as recomendações médicas, quanto no pós-operatório, pois como toda cirurgia, essa também pode gerar alguns problemas (MARESE; TANAKA; LINARTEVICH, 2019).

Apesar de a bariátrica parecer uma solução mágica, ela pode gerar sérios riscos e efeitos colaterais, por isso é recomendado ao paciente seja submetido à cirurgia somente após ter esgotado todas as outras possibilidades de emagrecimento e, principalmente acompanhamento psicológico antes e depois da cirurgia, além de ter a consciência de que deverá levar uma vida saudável e ativa caso queira que os resultados da cirurgia sejam eficazes e permanentes (SOUZA, 2020).

2. METODOLOGIA

Esta pesquisa possui objetivo principal analisar os dados a respeito da obesidade e transtorno alimentar no pré e pós-cirurgia bariátrica. Foram analisados artigos científicos, publicados entre os anos de 2015 a 2021, nos sites PubMed, Scielo e Google Acadêmico. Os artigos selecionados foram aqueles que tratavam sobre transtornos alimentares, sendo em obesos ou não, e sobre obesidade e cirurgia bariátrica. Foram excluídos artigos que não tratavam sobre transtornos alimentares e sobre obesidade.

Após a seleção dos artigos, para dar continuidade ao trabalho e facilitar seu desenvolvimento, foi desenvolvido uma tabela com os seguintes dados: nome dos autores, título e ano da publicação, objetivo, métodos utilizados, qual era o público alvo daquele estudo e por fim a conclusão.

A tabela contribuiu para compararmos os dados obtidos e informações mais precisas, pois dessa forma foi focado apenas nas informações pertinentes ao referido tema. Foram feitos gráficos comparando pontos relevantes da revisão para que os resultados e discussões fossem bastante claros.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 Fisiopatologia e complicações da obesidade

No Brasil, já somam mais de 20 milhões de obesos, 12,5% homens e 16,9% mulheres e 50% estão com sobrepeso. O indivíduo obeso possui um acúmulo de gordura em excesso, que é ocasionado pelo baixo gasto energético e o aumento de calorias ingeridas durante o dia (SILVA, 2019). Segundo a OMS, entre os anos de 1995 e 2000, aumentou em 100 milhões o número de obesos no mundo todo, isso são quase 15% da população mundial e, acredita-se que até o ano de 2025 o Brasil seja o quinto país com mais obesos do mundo (ARAÚJO *et al.*, 2018).

A obesidade está associada a várias doenças, como diabetes, hipertensão, doenças cardiovasculares e câncer. De acordo com o INCA todas essas doenças são as principais causas de morte no Brasil. Acredita-se que aproximadamente 13% dos casos de câncer no Brasil estão relacionados ao sobrepeso e obesidade e, que 33% dos casos mais comuns de câncer poderiam ser evitados se as pessoas tivessem uma alimentação saudável, praticassem atividades físicas e cuidassem do peso, para não ultrapassar o peso ideal para cada tipo de corpo (MARTINS, 2018).

De acordo com a OMS, aproximadamente 40% da população mundial encontra-se acima do peso, três vezes mais do que há 40 anos (MARTINS, 2018). O aumento demasiado das DCNTs, se deve ao fato, de que hoje, as pessoas estão mais sedentárias e se alimentando com produtos industrializados, além do fator psicológico e ambiental. O sobrepeso e a obesidade estão em constante processo inflamatório no organismo o que gera um estresse oxidativo que favorece o surgimento das DCNTs (OLIVEIRA *et al.*, 2020). Outro fator que se deve levar em consideração são as bebidas açucaradas, uma vez que elas não contêm nenhum valor nutricional, pois contém apenas calorias “vazias” e não podem ser comparadas às calorias nutritivas de alimentos. Além disso, as bebidas com açúcares resultam mais rapidamente em aumento de peso (DIMEGLIO; MATTES, 2000). Por esses motivos, a obesidade deve ser tratada como uma questão de saúde pública.

3.1.1 Infertilidade

A obesidade, não só apresenta uma alteração metabólica onde inclui as hipercolesterolemias, hiperglicemias, resistências à insulina e uma maior quantidade de ácidos graxos livres, como também, há alguns anos vem se observando que a infertilidade feminina está relacionada a essa patologia, haja vista que essas mulheres possuem menos gestações espontâneas e mais problemas menstruais, além de apresentarem um maior tempo até conseguirem de fato engravidar. O

estrógeno, que é um hormônio sexual produzido pelos ovários, tem sua produção comprometida devido a alimentações ricas em gorduras, o que colabora com a infertilidade (COSTA, 2019).

O sistema reprodutor recebe a insulina que atua no ovário por meio de receptores de insulina e de fator de crescimento, ou seja, a insulina atua na regulação da ovulação. Tendo em vista que pessoas obesas possuem uma maior quantidade de insulina no sangue acabam gerando a hiperinsulinemia, assim desencadeando irregularidade nos hormônios precursores de hormônios sexuais femininos, ocasionando o aumento de hormônios masculinos, parando o amadurecimento dos folículos ovarianos e anovulação (COSTA, 2019).

3.1.2 Obesidade e intestino

Nos anos 2000, o número de pessoas com excesso de peso ultrapassou o número de pessoas desnutridas, isso é característica de uma transição nutricional o que está em bastante evidência nos dias de hoje, principalmente no Brasil, tendo em vista o aumento do excesso de peso e obesidade em todas as classes sociais e faixas etárias. A transição nutricional é caracterizada pela diminuição da desnutrição e aumento de sobrepeso e obesidade em parâmetros quase que inversamente proporcionais (DOLINSKY, 2015).

No Brasil, com o aumento do fornecimento de alimentos, aumentou-se também o consumo de produtos industrializados por conta da praticidade. Além disso as redes de *fast foods* cresceram bastante nas últimas décadas e também proporcionam refeições rápidas e muitas vezes com preços acessíveis, o que acaba sendo um atrativo porque a maioria das pessoas não possuem mais tempo, por conta do trabalho, estudo entre outras tarefas e acabam não dando prioridade a alimentação da forma como deveriam (DOLINSKY, 2015).

De acordo com o IBGE, em 2009, menos de 10% da população atendia às recomendações do Ministério da Saúde em relação ao consumo de legumes, verduras e frutas. Ainda, o consumo dos alimentos industrializados e a ingestão de açúcar aumentaram (DOLINSKY, 2015). O elevado consumo de alimentos de baixo nível nutricional pode alterar a preferência alimentar por modificar o paladar, tornando o alimento in natura desinteressante e conseqüentemente menos consumido.

Grande parte das doenças poderia ser evitada se o intestino dos indivíduos fosse saudável, isso porque, o consumo elevado de comidas gordurosas, principalmente nos obesos, tende a modificar a microbiota intestinal, assim causando a disbiose e fazendo com que ocorra um desequilíbrio na flora intestinal e um estresse oxidativo e um dano celular ou tecidual, dessa forma, facilitando o surgimento de doenças crônicas (PINTO, 2019).

O intestino delgado é responsável pela digestão e absorção da maioria dos nutrientes ingeridos através dos alimentos, por isso é muito importante uma alimentação diversificada e com fontes de vitaminas e minerais, pois tendo um microbioma diversificado terão uma saúde intestinal melhor o que gera um bem-estar maior ao indivíduo. Em vista disso, dietas que possuem um valor nutricional deficiente e rica em lipídios podem ultrapassar a barreira do epitélio ocasionando danos e podendo gerar até mesmo algumas patologias, como é o caso da síndrome do intestino permeável, que é quando as toxinas e bactérias conseguem ultrapassar a barreira do intestino (PINTO, 2019).

3.1.3 Hipertensão e Diabete Mellitus tipo II

Como citado anteriormente, a hipertensão arterial e o DM2 estão relacionados diretamente com a obesidade, pois essas pessoas consomem alimentos pobres em nutrientes e ricos em carboidratos, gorduras e sódio, o que ocasiona um aumento da pressão dos vasos sanguíneos e aumento do processo inflamatório. A HA e o DM2 ocorrem através das citocinas pró-inflamatórias quando estão em grandes quantidades no organismo do indivíduo (PINTO, 2019).

Outro aspecto importante a ser considerado, é em relação à predisposição em adultos que foram obesos ou tiveram sobrepeso ainda na infância. Assim, acredita-se que pessoas que por mais que hoje estejam dentro do padrão IMC, mas que enquanto crianças tiveram algum grau de sobrepeso ou obesidade, possuem grandes chances de ter HA ou DM2 na fase adulta (DOLINSKY, 2015). Outro índice importante que se deve levar em conta a saúde da gestante, também a do bebê que se espera, pois tudo o que ela irá ingerir a partir da concepção do feto, poderá interferir na saúde dele quando for adulto (DOLINSKY, 2015).

Segundo Krause (2018), a maioria das pessoas que possui essa patologia o DM tipo 2 é obesa, mas também acredita que para alguns casos é necessário que a obesidade se una a fatores genéticos para que a pessoa desenvolva DM2 (MAHAN; RAYMOND, 2018).

3.2 Comportamentos e fatores emocionais

O comportamento alimentar está relacionado ao fator psicológico, visto que a alimentação remete a lembranças de confraternização e descontração. Os indivíduos obesos ou com sobrepeso, na maioria das vezes, almejam a perda de peso por vários motivos, como a melhora da qualidade de vida, saúde, autoestima, estética, que por sua vez pode estar relacionada com a imposição da sociedade. Sabe-se que o caminho para o emagrecimento é o déficit calórico combinado com a prática de atividades que aumentem o gasto energético (DOLINSKY, 2015).

A obesidade é tida por muitos como relaxo ou falta de vontade, na entanto. O sobrepeso e a obesidade estão longe de ser um desleixo e, sabendo disso, os indivíduos que possuem essa patologia sentem vergonha e se frustram quando fracassam com a tentativa perder peso, tornando um círculo vicioso, comer para compensar a tristeza e se sentir triste por ter comido (DOLINSKY, 2015).

Além dos fatores emocionais existem também os fatores ambientais e genéticos, de acordo com Oliveira *et al.* (2000), crianças que não possuem pais obesos, tem pouca chance de ser obeso, mas aquelas que possuem pais obesos ou apenas um dos pais for obeso, tem grande chance de ser uma pessoa obesa ou com sobrepeso. Isso porque os pais têm grande influência sobre quais alimentos irão condicionar aquela criança a se alimentar e fazer suas próprias escolhas quando estiver maior. Vale ressaltar que, as crianças obesas têm muito mais chance de ser um adulto com DCNTs comparadas às crianças eutróficas. Além disso, acredita-se que a mídia tem grande influência a respeito de o comportamento alimentar, pois cerca de 63,5% das crianças, no Rio de Janeiro, comem suas principais refeições enquanto assistem à televisão e são justamente nesses horários onde ocorre a influência de alimentos hipercalóricos e baixo valor nutritivo (MELO *et al.*, 2017).

Atualmente, com o crescimento das mídias sociais, algumas pessoas acabam sendo influenciadas por pessoas leigas no quesito nutrição, atividade física, medicamentos, entre outras, de modo que acreditam que se fizerem tudo como determinada pessoa faz, irão conseguir o corpo “ideal” e com isso surge a possibilidade dessas pessoas desenvolverem algum tipo de TA (RODRIGUES, 2020). Os TAs estão diretamente relacionados com o fator emocional, social e ambiental, tendo em vista que pessoas com esse diagnóstico são pessoas ansiosas e/ou depressivas e que convivem num ambiente familiar, profissional ou social, que acaba contribuindo com esse fator (RODRIGUES, 2020).

Pessoas obesas possuem pouca percepção de saciedade, se alimentam por impulso em um curto espaço de tempo e muitas vezes sem estar com fome. Isso provoca sensação de culpa e insatisfação, tendo em vista que elas já estão descontentes com o corpo e a maioria já buscou meios alternativos para perda de peso, sem sucesso (RODRIGUES, 2020).

3.3 Cirurgia bariátrica

A bariátrica tem sido um meio adotado por pessoas obesas grau III, que são aqueles que possuem IMC >40, e até mesmo por médicos que veem uma chance de melhorar a qualidade de vida desses pacientes. A bariátrica é sugerida quando se esgotam todas as possibilidades de emagrecimento, seja com uso de medicamentos, seja com dietas e todas sem sucesso. O que a

maioria dessas pessoas que desejam passar pela CB não se dão conta, é que ela deverá mudar seus hábitos cotidianos para se adaptar à nova vida, pois é uma cirurgia que demanda disposição e paciência, pois os resultados não serão permanentes se o paciente não obtiver essa consciência. Por este motivo é que se recomenda fazer um acompanhamento psicológico antes e após a cirurgia (MARESE; TANAKA; LINARTEVICH, 2019).

Hoje, a técnica mais utilizada em CB é a *bypass* em Y de Roux (BGYR), que se trata de um grampeamento de uma parte do estômago, onde reduz o espaço para os alimentos, e um desvio do intestino que promove o aumento dos hormônios responsáveis pela saciedade e diminuição da fome (JESUS *et al.*, 2017).

No Brasil, esse serviço é oferecido pelo SUS e como toda patologia, além das patologias secundárias, que são aquelas provenientes de outras, a CB gera custos altos ao Estado, mas em longo prazo, reduzindo o peso de boa parte da população esse dinheiro gasto com obesidade e suas predisposições, poderia ser utilizado em melhorias em todo âmbito da saúde, inclusive em medidas preventivas a respeito da obesidade e outras doenças evitáveis (ABBADE, 2019). De acordo com o autor deste estudo, os custos relacionados à obesidade podem somar 209,7 bilhões de dólares nos EUA e que em 20 anos poderia ser poupado ao governo 610 bilhões de dólares (ABBADE, 2019).

Atualmente, estuda-se a possibilidade de transtornos psicóticos serem motivo de contraindicação para a CB, tendo em vista que alguns pacientes apresentam depressão, o que pode agravar a situação do indivíduo. (MARESE; TANAKA; LINARTEVICH, 2019). Levando em consideração o fator emocional, a perda de peso abruptamente pode comprometer a absorção de várias vitaminas e isso pode ter influência sobre algum tipo de transtorno psicológico. Outro estudo relatou que a perda de peso mais controlada está relacionada a melhoras no quadro clínico dos pacientes com ansiedade e depressão (ARAÚJO *et al.*, 2018).

A CB por si só, não irá “curar” o indivíduo da obesidade, mas com certeza irá melhorar a autoestima e sua qualidade de vida e por consequência disso, quando começar a identificar os resultados benéficos irá sentir que está conseguindo e isso fará toda a diferença para o sucesso do tratamento, o que não quer dizer que dispensará auxílio de outros profissionais para ajudá-lo nesse processo (EDUARDO, *et al.*, 2017). O nutricionista, por exemplo, tem um papel importante no pós-bariátrica para que não haja disfunções nutricionais (EDUARDO, *et al.*, 2017). Outro profissional indispensável é o psicólogo ou psiquiatra, pois esse paciente precisará ter consciência sobre seus hábitos a partir da cirurgia (MARESE; TANAKA; LINARTEVICH, 2019).

Um estudo foi realizado no estado de Pernambuco, que comparava o sucesso dos pacientes submetidos a CB com a técnica do BGYR e *Sleeve* ou gastrectomia vertical, como também é chamada, que foram realizadas em hospitais públicos e privados. Esse estudo observou os pacientes

que passaram pela CB nos anos de 2008 a 2016. Souza *et al.* (2020) explica que não encontrou diferença no sucesso entre as CBs realizadas no setor público ou privado e acredita que isso dependa do paciente, uma vez que o êxito da cirurgia esteja relacionado ao comportamento alimentar dele (SOUZA, *et al.*, 2020).

Um estudo foi realizado no Brasil, onde analisaram homens e mulheres de 35 a 69 anos e a maioria teve um aumento de peso entre 22 e 40 kg. Ainda sobre esse último estudo, os pacientes relataram ter dificuldade de prosseguir com hábitos saudáveis, outros ainda possuem problemas com álcool. Os pacientes entrevistados revelaram que sentem vergonha, culpa, sentimento de derrota e por consequência desses sentimentos acabam ficando ansiosos e veem a comida como um refúgio, o que evidentemente acaba por aumentar ainda mais o quadro de ansiedade, culpam vergonha e derrota (KORTCHMAR *et al.*, 2018).

3.3.1 Pacientes bariátricos

Sabe-se que a bariátrica gera algumas deficiências nutricionais por conta da má absorção dos nutrientes e pela perda acelerada de peso. A mais recorrente é a deficiência de vitamina B1, B9, B12, vitamina A, D e E. Além disso, também existe o risco de enfrentar algum problema neurológico e psicológico (NÓBREGA *et al.*, 2019).

A deficiência de tiamina (vitamina B1), pode acometer 50% dos pacientes após a CB e 15% dos obesos antes da cirurgia. A deficiência dessa vitamina é uma das mais graves que o bariátrico pode enfrentar, pois pode acarretar em problemas neurológicos (NÓBREGA *et al.*, 2019). A encefalopatia de Wernicke, por exemplo, é uma doença neurológica tratável e cerca de 5 a 16% dos pacientes bariátricos apresentam problemas neurológicos em decorrência à falta de vitaminas ou por algum processo inflamatório (DIAS, 2017).

A cobalamina (vitamina B12), é muito importante pois suas funções são primordiais ao funcionamento do organismo, como por exemplo, atuando no sistema nervoso central prevenindo que células sejam degeneradas, atua também no metabolismo do corpo e na produção de glóbulos vermelhos no sangue. Em pacientes bariátricos que fizeram o procedimento com a técnica BGYR foi observado que a deficiência de vit. B12 começou aparecer de 2 a 3 anos após a cirurgia. Já as anemias causadas pela deficiência de B12, chegam a acometer 30% dos pacientes, entre 1 e 9 anos após a cirurgia por meio da mesma técnica citada anteriormente (NÓBREGA *et al.*, 2019).

Em consequência da CB, a quantidade de alimento que passa pelo trato gastrointestinal (TGI), acaba por interferir na absorção dos nutrientes presentes nos alimentos, ocasionando dessa forma a má absorção de vitaminas e minerais, podendo ocasionar essas complicações fisiológicas (MAHAN; RAYMOND, 2018).

Dentre esses problemas citados acima, também podem ocorrer algumas complicações no pós-operatório, como trombose (venosa e pulmonar), embolia pulmonar, necrose gástrica, infarto do miocárdio, entre outros (DAMÁSIO, 2021).

Alguns estudos recentes visam entender a relação da obesidade com a depressão e ansiedade e tentam relacionar esses aspectos com o reganho de peso após a CB. Segundo Greenberg *et al.* (2005), pessoas com obesidade grau III têm uma predisposição maior a ter depressão, pois possuem uma qualidade de vida ruim, autoestima baixa, transtornos alimentares ou imagem corporal negativa o que corrobora com o agravamento do quadro depressivo. Ainda não existem estudos que realmente comprovem a melhora no quadro depressivo à perda de peso, porém sabe-se que a CB interfere sim, na autoestima e na melhora da qualidade de vida e isso pode contribuir para remissão da doença (MERESE; TANAKA; LINARTEVICH, 2019). Um estudo mostrou que a depressão é a quinta comorbidade mais frequente em obesos mórbidos, justamente por conta da relação com a imagem corporal e preconceitos sofridos e, mostra ter uma relevante melhora em quadros de ansiedade e depressão após a CB (ARAÚJO *et al.*, 2018).

Um estudo feito pela Universidade de São Paulo, USP, comparou pacientes bariátricos em gênero, idade, escolaridade e estado civil. Comparou também o IMC antes e depois da CB e o grau de satisfação e tamanho corporal. Esse estudo teve foco em 281 pacientes que passaram pelo Ambulatório de Cirurgia Bariátrica do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da USP. Observou-se que a queda do IMC mais significativa, após a CB, foi até o 23º mês, já a partir do 59º mês ele estabilizou e a partir do 60º mês ele voltou a aumentar gradativamente. Em relação ao IMC, nota-se uma dificuldade em manter-se com o peso ideal após a cirurgia, embora os pacientes avaliados não tiverem voltado ao IMC pré-operatório, não exclui a necessidade de um acompanhamento profissional, seja psicólogo, seja psiquiatra, nutricionistas, entre outros, para poderem acompanhar e orientar a mudança de vida desse paciente, pois é evidente que os hábitos saudáveis devem ser mantidos para a vida toda (RIBEIRO *et al.*, 2018).

Ainda sobre esse último estudo citado, analisou a diminuição dos sintomas de ansiedade, depressão e compulsão alimentar nos primeiros 23 meses de CB. Já em relação com a satisfação do peso e tamanho corporal, após 2 anos de CB, quando o peso estagnou ou começou a aumentar, aumentou-se também o sentimento de insatisfação em relação a cirurgia feita e, adicionado a esse sentimento, estão a ansiedade e depressão. Ainda, segundo o autor deste estudo, a insatisfação não está apenas relacionada ao tamanho do corpo e sim, a transtornos mentais (RIBEIRO *et al.*, 2018).

Um outro estudo realizado também pela Faculdade de Medicina da USP, revelou um aumento de peso de 10% em pacientes, de ambos os sexos, que realizaram a CB a mais de 12 meses. Desses que foram entrevistados, o peso aumentou entre 22 e 40 quilos em relação ao peso perdido após a cirurgia. Segundo os autores desse estudo o reganho de peso está atribuído à

instabilidade emocional, por vários motivos, a expectativa em alcançar o peso desejado, o que favorece o aumento da ansiedade e, a decepção pelo aumento de peso, o que torna um círculo vicioso (KORTCHMAR *et al.*, 2018).

Mais um estudo realizado com mulheres que fizeram CB, mostrou que, a partir de um ano ou mais de cirurgia, elas começaram a enfrentar dificuldades para manter o peso. Elas relataram um aumento da ansiedade por terem medo de voltar ao peso inicial, antes da CB, também relataram insegurança em relação aos velhos hábitos alimentares, pois têm medo de voltar a fazê-los. Ainda, relataram não conseguir cuidar adequadamente do equilíbrio emocional e por este motivo acabavam se alimentando de forma descontrolada a fim de amenizar o estresse e a ansiedade. Além disso, a solidão e a tristeza também foram citadas como sendo motivo para a ingestão de comidas altamente calóricas (KORTCHMAR *et al.*, 2018).

Logo, a CB é bastante eficaz para o tratamento de obesos mórbidos, mas sabe-se também que, acompanhamentos regulares com psicólogos, psiquiatras, nutricionistas é de suma importância para o êxito por completo da cirurgia, uma vez que transtornos alimentares, ansiedade, depressão ainda podem coexistir mesmo após a CB e que se o paciente não tiver essa consciência ele poderá voltar ao peso antigo (ARAÚJO *et al.*, 2018).

4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Foram selecionados 39 artigos para este estudo, cujos tratavam sobre assuntos relacionados à obesidade e transtornos alimentares em pacientes bariátricos e que atenderam os critérios de busca. Na tabela 1 indica os artigos encontrados com os seguintes dados: autor, título e ano de publicação, o objetivo, qual a metodologia utilizada para tais estudos, a população que foi alvo das pesquisas e conclusão, respectivamente.

Tabela 1: Artigos selecionados para o estudo, separados por autor, título e ano, objetivo, metodologia, população e conclusão.

AUTOR	TÍTULO (ANO)	OBJETIVO	METODOLOGIA	POPULAÇÃO	CONCLUSÃO
JESUS, Aline Dantas <i>et al.</i>	Comportamento alimentar de pacientes de pré e pós-cirurgia bariátrica (2017).	Assim, o presente estudo teve como objetivo avaliar o perfil de comportamento alimentar de pacientes candidatos à cirurgia bariátrica, bem como daqueles já operados, a fim de observar semelhanças e divergências comportamentais ligadas ao hábito alimentar nestes indivíduos e a sua relação com o tempo de cirurgia e ganho de peso.	Tratou-se de um estudo transversal de caráter descritivo realizado com pacientes adultos, de ambos os sexos, candidatos à cirurgia bariátrica e aqueles já submetidos a essa cirurgia com tempos diferentes em nível ambulatorial no Hospital Universitário de Sergipe.	Foram incluídos no estudo os pacientes no pré e pós-operatório de cirurgia bariátrica que frequentam a nutricionista.	Através da aplicação do Questionário dos Três Fatores Alimentares verificou-se que o componente restritivo foi predominante nestes indivíduos independentemente de estarem no pré ou pós-operatório. No entanto, os pacientes no pré-operatório foram mais vulneráveis ao comer excessivamente com ou sem a presença de fome e pela alteração de humor. Apesar de a cirurgia bariátrica estar associada à diminuição do descontrole alimentar e da alimentação emocional nos pacientes, este último comportamento tornou-se mais evidente entre aqueles com tempo cirúrgico superior a cinco anos e aqueles que apresentaram ganho ponderal.
MELO, Karen Muniz <i>et al.</i>	Influência do comportamento dos pais durante a refeição e no excesso de peso na infância (2017).	Avaliar a influência do comportamento dos pais durante a refeição e no excesso de peso na infância.	Trata-se de estudo transversal, analítico, com abordagem quantitativa.	Crianças de 12 a 59 meses.	O comportamento dos pais durante a refeição pode ter influenciado no índice de massa corporal dos seus filhos. O excesso de peso infantil foi associado ao comportamento dos pais para o consumo de guloseimas e oferta de refeições especiais. Espera-se que os resultados deste estudo contribuam para o delineamento de políticas públicas efetivas para a prevenção da obesidade infantil, considerando, entre os fatores determinantes, o contexto familiar. Nesse sentido, as estratégias devem contemplar a influência da família nos hábitos alimentares infantis. Sugere-se que novos estudos com desenho longitudinal sejam realizados para avaliar a relação causal entre a parentalidade e o IMC das crianças, bem como a análise da funcionalidade familiar no risco de sobrepeso e obesidade infantil.
FERREIRA, Arthur Pate de Souza; SZWARCOWALD, Célia Landmann; DAMACENA, Giseli Nogueira.	Prevalência e fatores associados à obesidade na população brasileira: estudo com dados aferidos da Pesquisa Nacional de Saúde (2019).	O objetivo deste artigo foi estudar a prevalência e identificar fatores associados à obesidade na população adulta brasileira com base nos dados coletados na Pesquisa Nacional	O índice de massa corporal foi calculado por meio das aferições de peso e estatura. A obesidade foi definida por índice de massa corporal ≥ 30 kg/m ² . Utilizaram-se modelos de regressão logística para identificar os fatores associados à obesidade.	59.402 indivíduos de adultos, excluindo-se as mulheres grávidas.	Este estudo identificou os fatores associados à obesidade e evidenciou os efeitos perversos dela em vários agravos de saúde. As prevalências de obesidade foram de 16,8% para homens e 24,4% para mulheres. Idade a partir dos 50 anos, sem instrução ou ensino fundamental incompleto, raça/cor preta e viver com companheiro foram fatores de risco à obesidade. Homens e mulheres obesos tiveram maior chance de diagnóstico de hipertensão, diabetes ou alguma DCNT, e a pressão arterial significativamente aumentada. Portanto, o aumento da obesidade no país, observado com

		de Saúde (2013).			os dados aferidos da PNS, enfatiza a importância de políticas públicas direcionadas à prevenção da obesidade desde a infância e para a promoção de hábitos saudáveis na sociedade brasileira.
DE CASTRO, Jéssica Marliere <i>et al.</i>	Prevalência de sobrepeso e obesidade e os fatores de risco associados em adolescentes (2018).	Verificar a prevalência de sobrepeso e obesidade e os fatores de risco associados em adolescentes.	Foi realizado um estudo descritivo com um delineamento Transversal.	70 adolescentes de ambos os sexos.	Conclui-se que a prevalência de sobrepeso/obesidade encontrada no estudo foi considerada elevada. Em que o sexo teve relação significativa com o sobrepeso/obesidade, e o nível de atividade física e pressão arterial não apresentou associação com a mesma. Deste modo, ressalta a importância de novos estudos e implantação de programas de saúde a fim de identificar indivíduos que possuam fatores de risco como sobrepeso/obesidade, que geram agravos na saúde do indivíduo. A criação de campanhas efetivas, programas de promoção à saúde que visam a prevenção e redução desses fatores, evitando assim o surgimento de novos casos e proporcionando na população hábitos saudáveis que irão gerar melhoria na qualidade de vida.
FERREIRA, Paula Daianny Alves Araújo <i>et al.</i>	Caracterização do comportamento alimentar e estado nutricional de adultos (2018).	O objetivo deste estudo foi caracterizar o comportamento alimentar e o estado nutricional de adultos docentes de um Centro Universitário.	Trata-se de um estudo quantitativo e descritivo, de corte transversal, realizado no município de Fortaleza, capital do Estado do Ceará, em uma Universidade privada.	50 docentes, com vínculo empregatício na instituição que aceitaram participar da pesquisa; com idade superior a 20 anos. A amostra foi selecionada por conveniência, sendo os critérios de exclusão: docentes inativos, ou seja, afastados do trabalho, seja por motivo de saúde ou de qualificação profissional, além disso, foram excluídas as mulheres que se encontravam gestantes.	Nesse presente estudo, maior parte do sexo masculino foi identificado com excesso de peso, mostrando-se semelhante a outro estudo nacional, onde aponta que 52,5% dos brasileiros encontram-se acima do peso, o que é um fator de risco para doenças crônicas que são causas de 72% de óbitos no Brasil. Dentro da porcentagem desses brasileiros, encontram-se em maior proporção os homens, indivíduos com menor nível de escolaridade e com idade superior a 18 anos (Brasil, 2015), onde engloba a idade dos homens avaliados nessa pesquisa, que eram acima de 20 anos. Diante das diversas jornadas de trabalho do professor, os horários irregulares e a falta de rotina podem interferir na sua alimentação, gerando hábitos alimentares inadequados, como a falta de fracionamento correto das refeições ao longo do dia, predispondo o consumo de maior volume na seguinte refeição (Braga & Paternez, 2011). Como mostra um estudo que constatou que o excesso de peso de servidores está associado não somente às condições de saúde e alimentação, como também a privação de pausa durante a jornada de trabalho (Freitas, Assunção, Bassi, & Lopes, 2016). Portanto, pode ser sugestivo tais condições de trabalho com o grupo avaliado nessa pesquisa, podendo ser realizado outra pesquisa para essa verificação, dado que, os números de excesso de peso na população estudada foram expressivos. Sobre o risco de complicações metabólicas, os dois sexos apresentaram valores significativos de acordo com a média, que apontam

GOUVEIA, Maria João Rosa; CANAVARRO, Maria Cristina Cruz Sousa Portocarrero; MOREIRA, Helena.	O papel moderador do peso na associação entre as dificuldades de regulação emocional e os comportamentos alimentares (2017).	Este estudo explora se as DRE dos adolescentes predizem comportamentos alimentares perturbados (ingestão emocional e bulimia e atitudes relacionadas com o peso (procura da magreza e insatisfação corporal), e se esta relação é moderada pelo grupo de peso (peso normal vs excesso de peso/obesidade).	A amostra é constituída por 248 adolescentes com peso normal (i.e., IMC = percentil 3-85), e 183 adolescentes com excesso de peso/obesidade (i.e., IMC \geq percentil 85), de acordo com as curvas de crescimento da Organização Mundial de Saúde (OMS; WHO, 2006). No total, a amostra compreendeu 431 adolescentes (M = 14.27; DP = 1.60; 12-19 anos de idade). Foram considerados os seguintes critérios de inclusão: a) idade do adolescente entre os 12 e os 19 anos; b) capacidade cognitiva para compreender e responder aos questionários; c) ausência de patologia mental ou atraso desenvolvimento grave; d) ausência de síndromes genética comórbidas com a obesidade; e) o grupo de peso saudável não poderia apresentar nenhuma condição crônica de saúde.	A amostra compreendeu 431 adolescentes (M = 14.27; DP = 1.60; 12-19 anos de idade).	esses riscos. Existem evidências de que o comportamento alimentar possui impacto no surgimento dessas doenças, que dentre elas encontra-se a obesidade que é uma epidemia responsável pelo aumento de mortalidade por doenças cardiovasculares e redução da expectativa de vida (Santos, Stuchi, Sena, & Pinto, 2012). Embora, os escores do QHCA tenham resultado em diferenças de predominância nas escalas de restrição alimentar, de ingestão emocional e ingestão externa entre o sexo feminino e masculino, os valores de diferença entre uma escala e outra foram mínimos e de difícil comparação com o estado nutricional, visto que, foram encontrados poucos estudos na literatura com essa correlação, dificultando a compilação dos dados dessa pesquisa. O estado nutricional do sexo feminino apresentou melhores condições do que o do sexo masculino, no entanto não foi possível afirmar que um tipo de comportamento alimentar definiu o estado nutricional, em razão de que, a diferença nos resultados dos comportamentos alimentares de cada sexo foi mínima. Portanto, sugere-se futuras investigações a fim de sanar essas lacunas existentes na presente investigação.
A regulação emocional tem um papel importante no desenvolvimento de comportamentos alimentares perturbados, bem como de preocupações relacionadas com o peso nos adolescentes. O envolvimento dos adolescentes em comportamentos alimentares perturbados traduz um risco acrescido para o posterior desenvolvimento de psicopatologia relacionada com a obesidade. Este estudo tem importantes implicações clínicas ao identificar que os adolescentes com excesso de peso/obesidade estão em maior risco de se envolver em comportamentos alimentares perturbados se apresentarem maiores dificuldades de regulação emocional. A necessidade de identificar que adolescentes apresentam um maior risco de desenvolver comportamentos alimentares perturbados e, em consequência, aumentar o risco para o desenvolvimento de obesidade ou de outra perturbação alimentar (Micanti et al., 2017), já tinha sido anteriormente identificada (Doyle et al., 2007). É importante adequar as intervenções psicológicas com adolescentes com dificuldades de regulação emocional, especialmente os adolescentes com excesso de peso/obesidade, de modo a incluir estratégias terapêuticas que desenvolvam estratégias de regulação emocional mais adaptativas, e assim melhorar os comportamentos alimentares e diminuir as preocupações relacionadas com o peso dos adolescentes. Algumas intervenções psicológicas que podem ser úteis para desenvolver formas adaptativas de regulação emocional em					

					adolescentes com excesso de peso/obesidade são as intervenções baseadas no mindfulness, tal como anteriormente proposto (Dalen, Brody, Staples, & Sedillo, 2015; Moreira & Canavarro, 2017; O'Reilly & Black, 2015), e intervenções focadas na auto compaixão (Gilbert, 2009). Estas terapias de terceira geração podem ser particularmente úteis para adolescentes com dificuldades em regular as suas emoções ao desenvolver recursos psicológicos positivos que permitem uma relação mais adaptativa com as emoções e restantes estados internos, promovendo uma relação mais adaptativa com o próprio adolescente, e consequentemente fomentando comportamentos alimentares e atitudes relacionadas com o peso mais saudáveis (Dalen <i>et al.</i> , 2015).
ALVES, Márcia de Fátima Corrêa <i>et al.</i>	Transtornos alimentares em obesos atendidos em um hospital universitário (2018).	O objetivo deste trabalho foi verificar sintomas de transtornos alimentares em uma amostra não clínica de obesos atendidos em um Hospital Universitário de Belém-PA	Consistiu em um estudo transversal e descritivo.	Participaram 51 obesos, sendo 21 homens e 30 mulheres, com idade entre 20 a 76 anos.	Neste estudo, o diagnóstico de risco elevado para transtornos alimentares esteve associado ao maior peso e altura e ao gênero masculino. Os homens obesos apresentaram maior tendência a comportamentos de risco relacionados às percepções de suas formas corporais e às preocupações com a dieta e o peso, pois apresentaram escores superiores quando comparados às participantes do gênero feminino. Porém, é importante destacar que ambos os gêneros se mostraram suscetíveis aos transtornos alimentares e, portanto, obesos podem ser uma população em risco para o desenvolvimento dessas doenças. Diante do exposto, torna-se indispensável compreender se esses comportamentos estão relacionados à recuperação da qualidade de vida ou ao desejo de corresponder aos padrões estéticos socialmente impostos. Independente disso, as preocupações com a dieta e a autoimagem corporal alteram a relação do indivíduo com a alimentação e podem gerar grande impacto nutricional, pois suscitam sentimentos de incapacidade em adotar hábitos alimentares saudáveis e dificultam a adesão ao tratamento. Assim, recomenda-se novas estratégias de educação alimentar e nutricional, de controle do peso e de abordagens psicológicas para esse grupo, com assistência de equipe multiprofissional. Em termos de pesquisas, sugere-se a validação do Eating Disorder Inventory-3 (EDI3) no Brasil, assim como o desenvolvimento de um instrumento específico para indivíduos com obesidade, além da realização de estudos longitudinais, com amostras representativas, que incluam os possíveis fatores de risco envolvidos, de modo a contribuir no avanço da atenção a esses pacientes, promover e fortalecer políticas públicas de saúde, especialmente no campo da alimentação e nutrição.
VERAS, Juliana Lourenço Araújo et	Relação entre comportamento suicida e	O objetivo deste trabalho foi avaliar,	O presente estudo foi desenvolvido através da busca de periódicos	*A composição das amostras variou	Após leitura e análise da bibliografia relatada, pôde-se observar que, diversos estudos evidenciaram uma relação

al.	transtornos alimentares: uma revisão sistematizada (2018).	através da literatura existente, a relação entre os transtornos alimentares e o comportamento suicida. Nossos resultados refletem o conhecimento epidemiológico desenvolvido nos últimos 11 anos.	realizada em bases de dados eletrônicas (Medical Literature Analysis and Retrieval System Online (MEDLINE), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Virtual em Saúde do Adolescente (ADOLEC) e (PUBMED) e lista de referências dos artigos identificados.	quanto à faixa etária dos pesquisados, sendo incluídos nos estudos adolescentes e adultos.	importante entre os sintomas dos transtornos alimentares e o comportamento suicida. No entanto, pesquisas futuras devem ser realizadas, principalmente com os adolescentes, para o entendimento das comorbidades associadas, o que visa contribuir tanto para a prevenção, quanto para a elaboração de estratégias de tratamento, para pacientes com transtornos alimentares e comportamento suicida.
DUNKER, Karin Louise Lenz; ALVARENGA, Marle dos Santos; CLAUDINO, Angélica Medeiros.	Prevenção de transtornos alimentares e obesidade: relato de experiência da implementação do programa New Moves (2018).	Prevenir a obesidade e os Transtornos Alimentares (TA). O foco é a mudança de comportamentos que podem levar à adoção de práticas inadequadas em relação à alimentação, atividade física e aceitação corporal, e não à perda de peso em curto prazo.	O processo de adaptação do programa NMB teve autorização e suporte dos autores originais. Os materiais incluíram: manual das alunas (164 páginas), dinâmicas dos componentes do programa (56 páginas), manual dos profissionais de saúde (82 páginas), roteiro das entrevistas individuais (8 páginas), folhetos para os pais (12 páginas), questionário de avaliação do programa (1 página) e questionário de avaliação das percepções, atitudes e comportamentos relacionados com a alimentação, atividade física e imagem corporal (22 páginas). Todos os materiais foram traduzidos, adaptados e avaliados por experts na área de nutrição, psicologia e educação física para que o conteúdo fosse de fácil compreensão pelas adolescentes e pais/responsáveis.	22 adolescentes do sexo feminino de 12 a 14 anos de uma escola pública localizada na região Centro-Sul da cidade de São Paulo (SP) e, após os ajustes, seu impacto foi avaliado em um estudo do tipo ensaio clínico com 270 adolescentes com esse perfil de sexo e idade, em 10 escolas.	É essencial que se descreva o processo de aplicação de programas internacionais quanto à sua adaptação transcultural e às dificuldades metodológicas de implementação. Diferentemente da realidade desse projeto, que teve financiamento, é evidente o escasso investimento em pesquisa no país, e, conseqüentemente, há carência de estudos nacionais que possam gerar reflexões sobre o desenvolvimento de intervenções. Os resultados sempre remetem a estudos internacionais, que diferem muito da realidade nacional em termos de tamanho de amostra, metodologia adotada e qualidade na análise dos dados, comprometendo a generalização de seus resultados, o que funcionaria em países de baixa-média renda, como o Brasil. Observou-se que os desafios não se centram somente no conteúdo em si e no tipo de intervenção per si, mas que podem acontecer devido ao local, às questões relacionadas com as escolas (da estrutura à equipe) e ao perfil dos participantes. Os construtos desse programa são inovadores e um tanto inéditos e se mostraram ‘incompreensíveis’ – como o conceito de imagem corporal –, especialmente dado o nível sociocultural das participantes. O NMB apresenta potencial para ser replicado e utilizado como referência para novos modelos de intervenção no país, sendo necessário adaptações nos seus conteúdos, com redução da quantidade de informações do manual, assim como na redução de atividades propostas em cada sessão, especificamente as relacionadas com o suporte social e alimentação, para que sejam mais bem compreendidos por populações com dificuldades de aprendizado e despertem o interesse nos temas abordados. Por ser considerado uma referência internacional, com muitos resultados positivos, pode ser usado como um modelo de estratégia comportamental diferenciado, podendo ser proposto em escolas de período integral como uma disciplina optativa direcionada às meninas.
NILSON, Eduardo	Custos atribuíveis à	Estimar os custos	Realizou-se uma estimativa dos	*A análise explorou os	As estimativas dos custos atribuíveis às principais doenças

Augusto Fernandes <i>et al.</i>	obesidade, hipertensão e diabetes no Sistema Único de Saúde, Brasil, 2018 (2019).	atribuíveis à hipertensão arterial, diabetes e obesidade no Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil em 2018.	custos atribuíveis a doenças crônicas não transmissíveis a partir dos riscos relativos e das prevalências populacionais de hipertensão, diabetes e obesidade, considerando custos de hospitalizações, procedimentos ambulatoriais e medicamentos distribuídos pelo SUS para tratamento dessas doenças. As informações de custo foram obtidas nos sistemas de informação em saúde disponíveis no SUS.	custos das doenças segundo sexo e idade na população adulta.	crônicas associadas à alimentação inadequada evidenciam a grande carga econômica dessas doenças para o SUS. Os dados mostram a necessidade de priorizar políticas integradas e intersetoriais para a prevenção e o controle da hipertensão, do diabetes e da obesidade e podem apoiar a defesa de intervenções como medidas fiscais e regulatórias para alcançar os objetivos da Década de Ação das Nações Unidas sobre Nutrição.
MALTA, Deborah Carvalho <i>et al.</i>	Tendência temporal da prevalência de obesidade mórbida na população adulta brasileira entre os anos de 2006 e 2017 (2019).	Avaliar a tendência temporal da prevalência de obesidade mórbida na população adulta das capitais brasileiras entre os anos 2006 e 2017.	Trata-se de estudo transversal descritivo sobre a tendência temporal da prevalência de obesidade mórbida entre os anos de 2006 e 2017, a partir de informações do VIGITEL.	População adulta, com idade igual ou maior que 18 anos, residente nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal, por meio de entrevistas telefônicas.	A prevalência de obesidade mórbida aumentou em todas as capitais do Brasil, com maiores valores no sexo feminino, faixa etária de 25 a 44 anos, em todos os níveis de escolaridade e regiões do país, constituindo um alerta para a urgente necessidade de adotar medidas que contribuam para sua diminuição. Torna-se necessário, por exemplo, avançar na regulação dos alimentos ultraprocessados e na taxação de bebidas açucaradas, bem como manter o monitoramento dos indicadores do Plano de Enfrentamento das DCNT no Brasil (2011-2022).
CAMARGOS, Ana Cristina Resende <i>et al.</i>	Prevalência de sobrepeso e de obesidade no primeiro ano de vida nas Estratégias Saúde da Família (2019).	Verificar a prevalência de sobrepeso e de obesidade no primeiro ano de vida das crianças cadastradas nas Estratégias Saúde da Família e identificar se existe diferença entre os índices peso por idade, estatura por idade, peso/estatura por idade e índice de massa corporal (IMC) por idade em relação ao sexo, à faixa etária e ao nível socioeconômico.	Estudo transversal, com dados de peso e estatura coletados da Caderneta de Saúde da Criança.	Todas as crianças, entre 0 e 12 meses de idade, cadastradas nas ESF, foram incluídas no estudo. Foram excluídas: crianças que apresentaram alguma doença crônica e/ou deficiência diagnosticada que acometeu o desenvolvimento infantil, como paralisia cerebral ou hidrocefalia; que estivessem internadas no momento da coleta; ou que os pais não concordassem em participar do estudo.	A prevalência de sobrepeso e de obesidade das crianças no primeiro ano de vida depende do índice utilizado para classificação. O nível socioeconômico pode interferir nos valores do IMC por idade, enquanto a faixa etária pode interferir nos índices peso por idade e estatura por idade. Palavras-chave: prevalência; obesidade infantil; índice de massa corporal; peso por estatura.

BLOCH, Katia Vergetti <i>et al.</i>	ERICA: prevalências de hipertensão arterial e obesidade em adolescentes brasileiros (2016).	Estimar as prevalências de hipertensão arterial e obesidade e a fração atribuível populacional de hipertensão arterial devida à obesidade em adolescentes brasileiros.	Foram avaliados dados dos participantes do Estudo de Riscos Cardiovasculares em Adolescentes, estudo seccional nacional de base escolar. A amostra foi dividida em 32 estratos geográficos e conglomerados de escolas e turmas, com representatividade nacional, macrorregional e de capitais.	73.399 estudantes de um total de 102.327 elegíveis na faixa etária de 12 a 17 anos, de acordo com o cadastro das escolas. Portanto, a cobertura global dos municípios de médio e grande porte do País foi de 71,7%, variando de 56,8% dos adolescentes do sexo masculino de 15 a 17 anos da região Centro-Oeste a 83,6% das adolescentes do sexo feminino de 12 a 14 anos da região Sul.	Os resultados encontrados mostram que, embora o papel de outros fatores que atuam em fases ainda mais precoces (por exemplo, socioeconômicos) devam ser considerados, a redução da obesidade pode reduzir substancialmente a prevalência de HA em adolescentes, diminuindo potencialmente o risco cardiovascular em adultos. A estimativa da fração atribuível deve ser interpretada com cautela devido à possibilidade de confundimento. Todavia, há uma notável consistência na associação positiva entre HA e obesidade que foi encontrada em cada um dos 32 estratos desta amostra. Análises futuras do ERICA que considerem possíveis fatores de confundimento e modificadores de efeito dessa relação no nível individual poderão fornecer estimativas mais precisas de associação. O aumento da incidência da obesidade pode ter impacto na expectativa de vida a ponto de interromper sua tendência de crescimento. Compreender as relações entre obesidade e diferentes características socioeconômicas e comportamentais pode ajudar na elaboração de estratégias mais eficazes de prevenção da obesidade em jovens, de forma a reduzir suas complicações, entre elas a hipertensão arterial, e garantir não só a tendência de crescimento da expectativa de vida mas também a qualidade de vida das futuras gerações.
BARROSO, Taianah Almeida <i>et al.</i>	Associação Entre a Obesidade Central e a Incidência de Doenças e	Avaliar a associação da obesidade central com a incidência de	Estudo transversal, realizado com pacientes atendidos em um ambulatório de síndrome	Sexo feminino, com idade entre 18 e 59 anos, e que	Sobrepeso e obesidade foram manifestados na população estudada, que teve maior acúmulo de gordura na região abdominal, associada a doenças como hipertensão arterial

	Fatores de Risco Cardiovascular (2017).	doenças e fatores de risco cardiovascular.	metabólica, que apresentavam índice de massa corporal $\geq 24,9$ kg/m ² . Foram analisados o estado nutricional, os exames laboratoriais (perfil lipídico e glicemia) e o uso de anti-hipertensivos.	apresentavam índice de Massa Corporal (IMC) $> 24,9$ kg/m ² .	sistêmica, diabetes melito e dislipidemias. Estes são fatores preocupantes, visto que estão associados ao risco de desenvolvimento de doenças cardiovasculares, aumento de complicações metabólicas e outros problemas de saúde.
GONÇALVES; Jaqueline Teixeira Teles <i>et al.</i>	Sobrepeso e obesidade e fatores associados ao climatério (2015).	O objetivo deste estudo é verificar a associação entre sobrepeso e obesidade e fatores sociodemográficos, comportamentais e clínicos em mulheres climatéricas.	Trata-se de estudo transversal descritivo.	253 mulheres climatéricas com idade de 40 a 60 anos.	Embora o presente estudo tenha sido desenvolvido como uma amostra não probabilística, o que representa uma limitação à validade externa dos resultados, algumas variáveis foram identificadas e associadas ao excesso de peso, como: ‘não possuir casa própria’, que reflete um nível econômico desfavorável, ‘apresentar sintomas do climatério’, ‘fazer uso contínuo de medicamentos’ e ‘ter feito dieta para controle do peso corporal’. A frequência de excesso de peso encontrada condiz com os resultados de outros estudos realizados no país evidenciando que medidas devem ser tomadas, uma vez que esta condição mórbida em mulheres climatéricas não seria somente influenciada por fatores biológicos relacionados ao hipoestrogenismo, mas também por fatores psicossociais e pelo estilo de vida. Desta forma, o sobrepeso e a obesidade associados ao climatério requerem maior atenção à saúde da mulher e abordagem multidisciplinar, tendo em vista prevenir a morbimortalidade nesse grupo populacional. Os resultados indicam também elementos comportamentais, sociodemográficos e clínicos importantes a serem investigados em novos trabalhos.
ARAÚJO, Flávia Maria <i>et al.</i>	Obesidade: possibilidades de existir e práticas de cuidado (2019).	Identificar ações sobre o corpo que são percebidas como cuidado em pessoas obesas e analisar as implicações dessas percepções para a atuação dos profissionais da área da saúde.	Pesquisa qualitativa de abordagem fenomenológica, realizada por meio de “uma trajetória circular em torno de informantes, cinco do que se deseja compreender” (Garnica, 1997, p.111). Os critérios de inclusão para os informantes foram: pessoas obesas em grau I – índice de massa corporal (IMC) de 30 kg/m ² a 34,9 kg/m ² – e II – 35 kg/m ² a 39,9 kg/m ² –, de acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) (Abeso, 2009), de ambos os sexos, na faixa de 44-60 anos, de diferentes classes sociais. Os participantes foram escolhidos considerando obesidade em grau I e II por ser possível identificar características que permitem aprofundar a compreensão da relação dos obesos com seu corpo, algo somado a questões do início	Participaram da pesquisa 12 mulheres e sete homens, que foram entrevistados em seus domicílios.	Ao final deste estudo, é possível observar que o processo de reconhecer-se como obeso é importante para a execução de cuidados com o corpo. Ele não ocorre de modo homogêneo, e sim com idas e vindas. As doenças que ocorrem em associação com a obesidade mostraram-se de fundamental importância para o cuidado, pois, a partir delas, muitas vezes, o olhar das pessoas volta-se ao corpo e à busca de cuidados. Encontramos resultados bastante distintos em relação ao que é considerado cuidado para as pessoas obesas, o que reforça o quanto o ser humano é complexo e necessita ser melhor compreendido em suas vivências. O cuidado pode variar entre não utilizar medicamentos, utilizar serviços de saúde, controlar a alimentação e praticar exercícios. A ansiedade aparece como grande obstáculo para o controle da ingestão de alimentos; portanto, é um fator a ser considerado no processo. Observamos também que muitos dos informantes reconheceram a importância de cuidar de si mesmos e tentam sempre melhorar. Apesar das dificuldades, continuavam buscando cuidar-se: estavam sempre em movimento de cuidado, oscilando entre dias em que

			do comportamento que leva à obesidade, o que pode contribuir para intervenções mais eficazes em saúde.		praticam exercícios e controlam a alimentação e outros em que não conseguem realizar essas práticas. Ao longo desse processo, foram obtendo alguns sucessos, seja quando conseguiram perder alguns quilos, seja no fato de se sentirem bem e, mesmo com a obesidade, conseguirem continuar executando seu trabalho, suas tarefas domésticas, sua rotina. Encontramos ainda pessoas que optam por não fazer o cuidado com o corpo, pois têm outras prioridades em sua vida, mesmo após o surgimento de doenças associadas. Essas escolhas, nos diz Merleau-Ponty (2011), são formas de vida, e devem ser respeitadas, pois cada um tem sua vivência particular com seu próprio corpo. Desse modo, a atenção que deve ser prestada a pessoas obesas no que tange a serviços de saúde, precisa ser integral e considerar as vivências e idiossincrasias de cada um.
RENDEIRO, Luana Costa <i>et al.</i>	Consumo alimentar e adequação nutricional de adultos com obesidade (2018).	Avaliar o consumo alimentar e adequação nutricional, em adultos com obesidade.	Trata-se de um estudo transversal.	50 pacientes, entre 18 e 60 anos, atendidos em um Hospital Universitário.	Este estudo revela que a maioria dos indivíduos com obesidade apresentou uma baixa ingestão calórica e de carboidratos, alta ingestão de proteínas, ingestão adequada de lipídeos e baixo consumo de fibras alimentares nos homens e elevada nas mulheres. Além disso, a associação do IMC com MG revelou que os homens possuem mais MG justificando a prevalência no grau de obesidade III. Pode-se confirmar a dificuldade em se obter dados confiáveis de ingestão energética para populações obesas, tanto no que se diz respeito ao método utilizado quanto às características dos indivíduos e a falta de motivação para participar das pesquisas. É possível afirmar que indivíduos obesos subestimam a ingestão energética, sendo assim é imprescindível que os pacientes sejam orientados sobre a importância da mudança dos hábitos alimentares para promover uma perda de peso saudável. A natureza das informações levantadas com essa pesquisa pode vir a permitir uma melhor visão do perfil da obesidade, tanto antropométrico e alimentar, quanto socioeconômico, pois sabe-se que para que o tratamento nutricional seja eficaz, deve-se partir de diagnóstico adequado, o que demanda conhecimentos sobre os fatores que fundamentam o consumo alimentar para a elaboração de tratamento dietético ou dietoterápico individualizado. Este trabalho mostra a necessidade de estudos posteriores sobre a obesidade, inclusive com a elaboração de um instrumento de avaliação do consumo validado para essa população, baseado na análise do consumo de macro e micronutrientes, e, sobretudo com a utilização de mais de um instrumento de avaliação do consumo alimentar.
BRAGA, Vanessa Augusta <i>et al.</i>	Atuação de enfermeiros voltada para obesidade na	Compreender a atuação de	Pesquisa fenomenológica que entrevistou 12 enfermeiros de um	12 enfermeiros. A idade dos enfermeiros	A fenomenologia social de Alfred Schütz permitiu

Unidade Básica de Saúde (2020).	enfermeiros voltada para a obesidade na Unidade Básica de Saúde.	município de Minas Gerais. Os depoimentos foram organizados em categorias e analisados segundo a fenomenologia social de Alfred Schütz e literatura relacionada à temática.	variou entre 32 e 57 anos, sendo a maioria mulheres;	evidenciar que a atuação do grupo de enfermeiros voltada para a obesidade na Unidade Básica de Saúde congrega orientações sobre hábitos saudáveis de vida individualmente e caminhada orientada, bem como grupos operativos para os diferentes públicos já assistidos, independentemente da sua condição ponderal. Engloba também a percepção de dificuldades para sua atuação relacionadas à resistência dos usuários à mudança de comportamento, além de limitações impostas pelo serviço e pela equipe de saúde. Seus projetos incluem o desejo de conhecer o perfil alimentar e ponderal da população, realizar grupos específicos para o controle de peso, melhorar a articulação da unidade de saúde com outros equipamentos sociais, atuar com crianças e adolescentes fora do espaço do serviço de saúde e receber capacitação para atuar na prevenção e controle da obesidade. Essas características relacionadas à atuação dos enfermeiros voltada para a obesidade fornecem subsídios para a reflexão acerca do modo como as pessoas estão sendo cuidadas neste ponto de atenção da Rede de Atenção à Saúde e pistas à gestão dos serviços de saúde para a necessidade da reorganização das práticas profissionais na UBS, de modo a assegurar ações específicas para os usuários com obesidade e/ou com risco para desenvolvê-la. Espera-se, a partir desses resultados, subsidiar a prática de enfermagem voltada para prevenção e controle da obesidade na UBS e promover discussões sobre essa temática no âmbito da formação e educação permanente. Além disso, a realização de novas pesquisas relacionadas ao tema poderá acrescentar a esta investigação outros aspectos que agregarão valor a essa área do conhecimento.	
CASTILHO, Mario Moreira <i>et al.</i>	Efeitos de um programa multiprofissional de tratamento da obesidade no ambiente aquático em adultos com obesidade severa (2021).	Analisar os efeitos de um programa multiprofissional de tratamento da obesidade (PMTO) em adultos com obesidade severa (IMC > 40 kg/m ²).	Foram realizadas avaliações antropométricas, clínicas, laboratoriais, e de aptidão física, seguindo procedimentos padronizados, pré-intervenção e após 24 semanas de um PMTO .	Participaram do estudo 13 pessoas (seis mulheres e sete homens) com média de idade de 41,2±7 anos e IMC médio de 48,3Kg/m ² .	O programa de intervenção com exercícios em ambiente aquático, orientação para a adoção de uma dieta balanceada e suporte psicológico, promoveu perda de peso clinicamente significativa e melhorias na aptidão física em participantes com obesidade severa. Portanto, mostrou-se seguro e promissor para a realização de mais estudos com essa população como forma de ampliar o entendimento e sobre outros tipos de opções terapêutica disponíveis, sobretudo no âmbito do sistema único de saúde.
PONTE, Michelle	Autoimagem corporal e	Investigar o	Estudo transversal, exploratório e	324 universitários das	Elevada prevalência de sobrepeso/obesidade e de

Alves Vasconcelos <i>et al.</i>	prevalência de sobrepeso e obesidade em estudantes universitários (2019).	sobrepeso/obesidade, a autopercepção da imagem corporal de universitários e as associações entre essas variáveis com características sociodemográficas, vinculadas à Universidade e aos comportamentos relacionados à saúde.	quantitativo, realizado entre janeiro e fevereiro de 2017, com 324 universitários das áreas da Saúde, Exatas e Humanas. Utilizou-se questionário de Indicadores de Saúde e Qualidade de Vida de Acadêmicos para avaliar características sociodemográficas, vínculo com a universidade e comportamentos relacionados à saúde. Avaliou-se a autopercepção da imagem corporal, através da escala de silhuetas, e o estado nutricional, pelo índice de massa corporal. Realizaram-se análises descritivas e regressão Logística Multinomial.	áreas da Saúde, Exatas e Humanas.	insatisfação com a imagem corporal entre os universitários. Existe associação da prevalência de sobrepeso com faixa etária, sexo, estado civil, trabalho, renda, consumo de carne vermelha, assim como entre a autopercepção da imagem corporal com a autopercepção do estado de saúde, aptidão física e turno de estudo.
PEREIRA, Daniella Christiane Leite; LIMA, Sônia Maria Rolim Rosa.	Prevalência de sobrepeso e obesidade em mulheres após a menopausa (2015).	Estudar a prevalência de sobrepeso e obesidade em mulheres após a menopausa e avaliar se há associação entre a classificação do peso segundo o IMC e duas variáveis: o tipo de menopausa (natural ou cirúrgica) e o tempo decorrido após a menopausa (períodos inicial ou tardio após a menopausa).	Estudo transversal em 930 mulheres após a menopausa atendidas no ambulatório do Climatério da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, no período de junho de 2013 a abril de 2014. Foram consideradas mulheres após a menopausa aquelas com amenorreia \geq um ano e FSH $>$ 30mUI/mL. Foi considerado sobrepeso valores de IMC entre 25 e 29,9kg/m ² e obesidade valores de IMC \geq 30kg/m ² .	930 mulheres após a menopausa atendidas no Ambulatório do Climatério da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, no período de junho de 2013 a abril de 2014.	O presente estudo encontrou uma elevada prevalência de sobrepeso e obesidade (70,75%) em uma amostra de 930 mulheres após a menopausa atendidas na região central de São Paulo, dado importante tendo em vista a elevada correlação entre obesidade e o aumento da morbimortalidade. Não houve associação estatisticamente significativa entre a classificação do peso segundo o IMC e o tipo de menopausa (natural ou cirúrgica) ou o tempo de menopausa (períodos inicial ou tardio após a menopausa). Talvez a falta de análise de outras variáveis como a paridade, o uso de terapia de reposição hormonal, a prática de atividade física e demais fatores psicossociais e relacionados ao estilo de vida tenham influenciado na não observância de diferença estatística. Outros estudos, idealmente de caráter longitudinal, são necessários para analisar fatores associados ao sobrepeso e à obesidade após a menopausa.
AMANN, Valerias Romina; DOS SANTOS, Leonardo Pozza; GIGANTE, Denise Petrucci.	Associação entre excesso de peso e obesidade e mortalidade em capitais brasileiras e províncias argentinas (2019).	O objetivo deste trabalho foi avaliar a associação da prevalência de excesso de peso e obesidade com as taxas de mortalidade total e específica nas capitais brasileiras e províncias argentinas.	Estudo observacional ecológico cujas unidades de análise foram as capitais brasileiras e as províncias argentinas. Os dados do presente trabalho foram extraídos da pesquisa denominada Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel) de 2014, realizada nas capitais brasileiras, e da III Pesquisa Nacional de Fatores de Risco (ENFR; III Encuesta Nacional de Factores de Riesgo) de 2013, realizada nas províncias	População adulta (18 anos ou mais) das 26 capitais brasileiras e do Distrito Federal.	Em conclusão, este estudo mostrou que, em nível agregado, maiores prevalências de obesidade estão associadas a maiores taxas de mortalidade geral nas capitais brasileiras e províncias argentinas. Os resultados são importantes do ponto de vista clínico e de saúde pública, visto que a obesidade vem aumentando consideravelmente nos últimos anos, indicando que, no curto prazo, um maior número de indivíduos pode ter morte precoce devido a este problema.

			argentinas. São dois estudos de base populacional e corte transversal, cuja população-alvo incluiu indivíduos adultos com idades iguais ou superiores a 18 anos.		
FUSCO, Suzimar de Fátima Benato <i>et al.</i>	Ansiedade, qualidade do sono e compulsão alimentar em adultos com sobrepeso ou obesidade (2020).	O objetivo deste estudo foi analisar a relação da ansiedade com a compulsão alimentar e a qualidade do sono em adultos com sobrepeso ou obesidade.	Estudo transversal, descritivo.	130 indivíduos de ambos os sexos, alfabetizados, com idade entre 20 e 59 anos, apresentando IMC maior ou igual a 25 kg/m ² .	Neste estudo, a prevalência de níveis minimamente moderados de ansiedade-estado em adultos com sobrepeso ou obesidade foi de 96%. Comparando a ansiedade com o padrão do sono e com a compulsão alimentar, encontrou-se correlação positiva na amostra geral e nos adultos jovens e uma relação inversa da idade com a ansiedade nos adultos com 45 anos ou mais; ou seja, quanto maior a idade nesta categoria, menor o escore de ansiedade. Não houve diferença entre os sexos nos escores das escalas; no entanto, 80,8% da amostra do estudo era do sexo feminino e observaram-se as maiores taxas de ansiedade moderada e qualidade do sono ruim nos participantes do grupo de meia-idade, exatamente a faixa etária do climatério feminino. Frente ao exposto, a análise das variáveis relacionadas com o sobrepeso ou obesidade possibilita ao enfermeiro alicerce para elaboração e planejamento de abordagens ampliadas para o tratamento da obesidade, visando sempre à prevenção desta condição clínica, que se constitui como grande fator de risco para as doenças crônicas não-transmissíveis.
NARDO JUNIOR, Nelson <i>et al.</i>	Efetividade de um programa multiprofissional de tratamento da obesidade em adolescentes: impacto sobre transtorno de compulsão alimentar periódica (2016).	Os objetivos deste estudo foram avaliar os efeitos de um Programa Multiprofissional de Tratamento da Obesidade (PMTO-NEMO-UEM) sobre o transtorno de compulsão alimentar periódica (TCAP) em adolescentes; verificar o impacto do sexo e faixa etária sobre as mudanças no escore de compulsão alimentar e; relacionar as mudanças percentuais neste escore com as mudanças	Trata-se de um estudo piloto, caracterizado como ensaio clínico pragmático, desenhado para avaliar a efetividade das intervenções em condições práticas da vida real. Apesar da desvantagem da não randomização em cada grupo, ensaios pragmáticos produzem resultados que podem ser generalizados e aplicados na rotina dos indivíduos.	A amostra foi composta por 27 adolescentes com excesso de peso entre 14 e 17 anos.	Em suma, um PMTO pode promover mudanças positivas sobre a prevalência de TCAP em adolescentes. Os resultados trazem consigo importantes implicações práticas e sugerem modelos similares de intervenção entre as possibilidades de programas para redução da obesidade no cenário nacional, em especial na população infanto-juvenil.

		percentuais nas variáveis antropométricas e composição corporal.			
RIBEIRO, Graziela Aparecida Nogueira de Almeida <i>et al.</i>	Depressão, ansiedade e compulsão alimentar antes e após cirurgia bariátrica: Problemas que persistem (2018).	Este estudo objetivou avaliar a presença de indicadores de ansiedade, depressão e compulsão alimentar tanto antes quanto após a cirurgia bariátrica e, neste caso, em três momentos distintos: até 23 meses após a realização da operação, entre 24 meses e 59 meses, e após 60 meses.	Foram avaliados no total 281 pacientes. Destes, 109 completaram as avaliações antes (T0) e até 23 meses após a operação (T1); 128 completaram as avaliações em T0 e entre 24 meses e 59 meses após a operação (T2); e 44 completaram as avaliações em T0 e 60 meses após a operação (T3). Foram utilizada entrevista semiestruturada, Inventário Beck de Depressão (BDI), Inventário Beck de Ansiedade (BAI) e Escala de Compulsão Alimentar Periódica (ECAP).	Foram avaliados no total 281 pacientes. Observou-se maior prevalência de mulheres (83%), pacientes com menos de 12 anos de escolaridade (83%) e pacientes que tinham um companheiro(a) (64%).	O presente estudo deixa clara a importância e a necessidade da contínua avaliação dos pacientes que se submetem à cirurgia bariátrica. Além disso, não se pode deixar de considerar a necessidade do tratamento continuado desses pacientes, reforçando a ideia de que, por ser doença crônica, a obesidade requer tratamento multiprofissional e de longo prazo, mesmo para os casos cirúrgicos.
MARÇAL, Tatiane Aparecida Endise de Abreu; JARDIM JR, Elerson Gaetti.	Intervenção psicológica em adultos obesos com o transtorno da compulsão alimentar periódica (TCAP) (2018).	O presente estudo se propôs a identificar na literatura os principais aspectos do diagnóstico dos pacientes acometidos pelo transtorno da compulsão alimentar periódica (TCAP), apontar os impactos que este transtorno pode ter na qualidade emocional e de vida, bem como enfatizar a importância da terapia cognitivo-comportamental (TCC) como forma de tratamento para estes pacientes.	O presente estudo consistiu em pesquisa de avaliação descritiva da literatura científica, por meio do serviço de rede VPN (virtual private network), “Google Acadêmico” com as seguintes palavras-chave: binge, binge eating, periódica binge eating disorder, obesity, cognitive behavior therapy, cognitive therapy, obesidade, transtorno da compulsão alimentar periódica e terapia cognitiva comportamental.	*Foram incluídos na pesquisa apenas os estudos relacionados com o transtorno da compulsão alimentar periódica em pacientes obesos adultos e a intervenção psicológica como forma de tratamento.	Observou - se que o transtorno da compulsão alimentar periódica deve ser tratado como uma categoria distinta de transtorno alimentar, conforme o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, atualmente em sua quinta edição, e a terapia cognitiva comportamental vem mostrando eficácia, proporcionando uma redução significativa de a compulsão alimentar na maioria dos pacientes.
DE SOUZA, Ana Paula Leme; PESSA, Rosane Pilot.	Tratamento dos transtornos alimentares: fatores associados ao abandono (2016).	Traçar o perfil do abandono do tratamento de pacientes com transtornos alimentares (TA) em um serviço especializado e	Estudo transversal com delineamento quantitativo do tipo comparativo.	Todos os prontuários de pacientes atendidos pelo serviço, entre 1982 e 2013.	A taxa de abandono do serviço é alta e pacientes nessa condição eram adultos jovens, tinham diagnóstico de AN, longo tempo de sintomas antes do início do tratamento e estavam há menos de seis meses no seguimento. Estudos prospectivos poderão contribuir para pesquisas dirigidas ao abandono do seguimento desses pacientes, buscando melhor compreensão dessas doenças e seu tratamento.

		investigar os fatores associados.		
FORTES, Leonardo de Souza <i>et al.</i>	Modelo etiológico dos comportamentos de risco para os transtornos alimentares em adolescentes brasileiros do sexo feminino (2016).	O objetivo foi construir um modelo etiológico dos comportamentos de risco para os transtornos alimentares em adolescentes brasileiros do sexo feminino.	Participaram 1.358 adolescentes na faixa etária entre 12 e 15 anos, matriculados em instituições de Ensino Fundamental (14 escolas privadas e 15 públicas).	Os resultados apontaram relação indireta das variáveis morfológicas (IMC e %G) com os comportamentos de risco para os transtornos alimentares. Estudos têm indicado que o IMC e o %G geram insatisfação corporal, e esta, por sua vez, é considerada o principal agente desencadeador dos comportamentos de risco para os transtornos alimentares, corroborando os achados da presente investigação. Entretanto, vale salientar que algumas pesquisas têm demonstrado relação direta entre IMC e comportamentos de risco para os transtornos alimentares, fato não encontrado no modelo de equação estrutural. De qualquer forma, em razão das pressões que o sexo feminino costuma sofrer concernente à magreza, pode-se considerar o IMC e o %G fatores de risco para os comportamentos de risco para os transtornos alimentares em adolescentes brasileiras. Apesar deste estudo apontar resultados inéditos e importantes, o mesmo apresenta limitações que merecem destaque. Utilizaram-se instrumentos de auto-reporte como ferramentas de avaliação. Assim, os resultados podem não refletir o contexto analisado em virtude de se tratar de respostas subjetivas. Vale destacar que nem todos os instrumentos utilizados na presente investigação têm índices psicométricos de validade para a população feminina adolescente brasileira, condição que subsidia cautela na interpretação dos achados. Por exemplo, o SATAQ apresenta dados de validação somente para adultos 16. Em adição, a adaptação transcultural da BRUMS também deixa a desejar em relação aos cuidados metodológicos que envolvem os procedimentos de equivalências entre as versões original e traduzida. Além disso, a mesma foi aplicada em uma amostra extremamente reduzida, inviabilizando evidências de validade e precisão da nova versão. O MDI, por sua vez, também tem dados de validação somente para adultos. Por fim, a MPS foi adaptada para a população portuguesa. Apesar do português ser a língua do Brasil e Portugal, os países apresentam diferenças culturais significativas e também pequenas alterações na própria escrita. Sendo assim, a utilização desses instrumentos nesta pesquisa pode ter impactado os resultados obtidos. Porém, os autores indicam a condução de análise fatorial confirmatória quando a ferramenta psicométrica não apresenta validação para a população-alvo. Nesse sentido, a fim de assegurar a validade dos dados obtidos, conduziu-se à análise fatorial confirmatória para todos os questionários e os achados

KESSLER, Amanda Luisa; POLL, Fabiana Assmann.	Relação entre imagem corporal, atitudes para transtornos alimentares e estado nutricional em universitárias da área da saúde (2018).	Avaliar a relação entre a insatisfação da imagem corporal, atitudes para transtornos alimentares e o estado nutricional em universitárias da área da saúde.	Estudo descritivo, transversal e quantitativo.	225 universitárias matriculadas em oito cursos da área da saúde.	<p>indicaram índices de ajustamento aceitáveis, o que reduz a possibilidade de invalidade dos instrumentos supracitados para a amostra do presente estudo. A despeito das limitações, acredita-se que os resultados desta pesquisa sejam de extrema importância para os profissionais que atuam no âmbito escolar. Ademais, tais achados podem auxiliar na elaboração de programas de prevenção e/ou tratamento dos comportamentos de risco para os transtornos alimentares em adolescentes brasileiros do sexo feminino. Por fim, pode-se concluir que somente o perfeccionismo não aderiu ao modelo etiológico dos comportamentos de risco para os transtornos alimentares em adolescentes brasileiras. Sendo assim, as pressões midiáticas, as características pessoais (autoestima, estado de humor e sintomas depressivos), a morfologia corporal (IMC e %G) e a insatisfação corporal fizeram parte do modelo etiológico dos comportamentos de risco para os transtornos alimentares neste público. Sugere-se a condução de mais investigações com adolescentes brasileiras do sexo feminino, a fim de confirmar os achados deste estudo (validade externa). Em adição, recomenda-se a construção de um modelo etiológico dos comportamentos de risco para os transtornos alimentares para adolescentes brasileiros do sexo masculino.</p> <p>Os dados da presente pesquisa permitem concluir que há relação entre a insatisfação da imagem corporal, atitudes de risco para desenvolvimento de transtornos alimentar e estado nutricional de universitárias da área da saúde. A insatisfação com a imagem corporal e a presença de atitudes alimentares de risco foram mais prevalentes naquelas estudantes com estado nutricional em eutrofia. Contudo, as universitárias com algum grau de excesso de peso apresentaram maior prevalência de insatisfação moderada ou grave com a imagem corporal, de acordo com o BSQ. Do mesmo modo, referente ao EAT-26, quando somadas as classificações para sobrepeso e obesidades graus I e II, o escore positivo para atitudes indicativas de transtornos alimentares mostrou-se semelhante ao dos eutróficos. Ressalta-se ainda a importância de mais estudos sobre a prevalência de distúrbios alimentares, especialmente em grupos específicos como estudantes de cursos associados à alimentação e cuidados com a saúde, o que possibilitaria explorar causas ligadas aos sintomas de transtornos alimentares, suas possíveis consequências na formação e posterior atuação profissional e, também, meios de prevenção e conscientização acerca da forte pressão sociocultural existente, em que se estabelece um ideal de corpo que, muitas vezes, se sobrepõe aos princípios da</p>
---	--	---	--	--	--

					saúde e bem-estar.
SOIHET, Julie; SILVA, Aline David.	Efeitos psicológicos e metabólicos da restrição alimentar no transtorno de compulsão alimentar (2019).	O principal objetivo dessa revisão é analisar as consequências da restrição alimentar a fim de conscientizar a população e diminuir o número crescente de indivíduos com excessiva preocupação em relação à alimentação.	Estudo foi realizado por meio de revisão em livros acadêmicos e artigos originais de revisão, na língua inglesa e portuguesa, publicados desde o ano de 1988 até 2019, na base de dados Scielo e Pubmed.	Foram separados 92 artigos, porém foram utilizadas apenas 37 referências, que continham informações realmente relevantes para esta revisão.	A propagação das informações sobre os malefícios das dietas é de extrema importância para a sociedade atual, visto que atualmente a busca pela magreza através da restrição alimentar vem tomando espaço. Através da revisão bibliográfica acima, pode-se notar que existem diversas evidências que sugerem os efeitos psicológicos, metabólicos e no Transtorno de Compulsão Alimentar das dietas restritivas. Apesar do grande número de pesquisas citados, é importante compreender que seus resultados ainda não estão completamente elucidados, surgindo, portanto, a necessidade de mais conteúdo bibliográfico sobre o assunto. A obsessão pela magreza, comportamentos alimentares inadequados, restrição autoimposta e distorção de imagem corporal são muito comuns nos dias de hoje e devem ser extinguidos pouco a pouco das preocupações dos indivíduos que, por sua vez, possuem o dever de compreender o prejuízo para a saúde que as dietas podem acarretar.
SILVA, Larissa Ferreira; COSTA, Adriana Barbosa.	Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças de diferentes condições socioeconômicas (2018).	Objetivo primário: avaliar a incidência de sobrepeso e obesidade nas crianças de diferentes condições socioeconômicas de algumas cidades satélites do Distrito Federal. Objetivos secundários: analisar o estado nutricional das crianças das séries iniciais de uma escola da rede pública e particular; Identificar o conhecimento das crianças na fase escolar das séries iniciais em relação a diferença entre os alimentos saudáveis e não saudáveis; Relatar o consumo das crianças sobre os alimentos não saudáveis durante a semana e no fim de	Trata-se de um estudo transversal de abordagem qualitativa e quantitativa.	A amostra foi composta por crianças de 5 a 7 anos de idade, onde foram utilizadas 15 crianças.	O estado nutricional dos escolares em ambas as escolas se assemelham nos indicadores antropométricos avaliados, com a prevalência de maior excesso de peso nos alunos da escola privada. O conhecimento sobre alimentos saudáveis e não saudáveis, mostrou que a maioria das crianças da escola classe 59, tinham mais noção sobre a diferença entre o que eram saudáveis ou não, comparados aos da escola privada. E em relação ao consumo dos alimentos não saudáveis todas as crianças relataram comer hambúrguer e pizza apenas no fim de semana, e o biscoito recheado durante a semana. Assim, os resultados do presente estudo demonstram que, além do nível socioeconômico, outras variáveis podem interferir na alimentação e estado nutricional dos escolares, visto que, somente a condição financeira dos pais não explica as diferenças encontradas entre os escolares em estudo. É indiscutível a necessidade de aplicação da avaliação nutricional e de programas de reeducação alimentar nas escolas e em serviços públicos de saúde, como aliados contra a obesidade no grupo de pré-escolares para prevenir de forma mais eficaz o aumento da prevalência de excesso de peso nas crianças, independente do seu nível socioeconômico.

		semana.			
ABBADE, Eduardo Botti.	Análise das internações hospitalares para procedimentos de cirurgia bariátrica financiadas pelo SUS em âmbito nacional (2019).	O objetivo deste estudo foi analisar a evolução do quantitativo e valor aprovado no âmbito do SUS, no período de 2008 a 2018, associado aos procedimentos cirúrgicos de gastroplastia (cirurgia bariátrica) relacionados ao diagnóstico principal de obesidade por excesso de ingestão de calorias.	Foi conduzido estudo ecológico com levantamento de dados obtidos nos Sistemas de Informações Hospitalares e Ambulatoriais do SUS (SIH/SUS e SAI/SUS). Foram levantados dados mensais do quantitativo e valor aprovado referentes aos procedimentos selecionados associados às cirurgias bariátricas em âmbito nacional, compreendendo o período de janeiro de 2008 a julho de 2018.	Pessoas que se submetem à cirurgia bariátrica nos anos de 2008 a 2018.	A epidemia de obesidade que aflige a população brasileira ocasiona aumento do quantitativo de gastroplastias financiadas pelo SUS, que ainda são consideradas insuficientes, o que exige que sejam delineadas políticas e iniciativas públicas em prol do combate à obesidade coletiva no Brasil.
ELIAS, Alexandre Amado <i>et al.</i>	Cirurgia bariátrica robótica-assistida: análise de série de casos e comparação com via laparoscópica (2018).	O objetivo deste estudo é avaliar uma série de casos submetidos à técnica Bypass Gástrico em Y de Roux (BGYR-RA) ou Gastrectomia Vertical robótica-assistida (GV-RA), sendo realizada também uma comparação com grupo operado por via laparoscópica convencional.	Foram avaliados pacientes submetidos à cirurgia bariátrica robótica no Instituto Garrido, e realizada comparação com grupo submetido à cirurgia laparoscópica convencional.	Foram analisados 45 pacientes, com média de idade de 39,44 anos, sendo 34 do sexo feminino, com média de IMC inicial de 41,26Kg/m ² .	Houve diferença estatisticamente significativa na perda de peso nos grupos estudados, favorecendo o grupo da cirurgia laparoscópica. Este fato se deu provavelmente pelo segmento curto e número de pacientes insuficiente, que pode levar à diferença estatística quando um paciente se situa fora da curva na análise. É esperado que, com o aumento do segmento e da casuística, os resultados se tornem comparáveis. Os resultados do presente estudo confirmam os achados descritos na literatura em relação à perda de peso total, excesso de peso, tempo de cirurgia. No entanto, é imperativa a realização de estudos controlados e randomizados para poder conhecer de maneira fidedigna a eficiência e eficácia da cirurgia bariátrica robótica. A cirurgia bariátrica robótica mostrou ser um procedimento seguro, apresentando resultados pós-operatórios satisfatórios. São necessários estudos mais longos e com maior casuística para melhor avaliação comparativa.
ARAUJO, Gabriella Bisi <i>et al.</i>	Perfil clínico-epidemiológico de pacientes submetidos à cirurgia bariátrica (2018).	O estudo visou verificar os fatores epidemiológicos dos pacientes obesos submetidos à cirurgia bariátrica e vinculados a uma clínica particular de Belém do Pará.	Realizou-se a revisão aleatória de 200 prontuários.	Indivíduos entre 21 e 70 anos de idade; portadores de obesidade, ou seja, IMC maior ou igual a 40 kg/m ² com ou sem comorbidades, ou maior ou igual a 35 kg/m ² com comorbidades, que foram submetidos à cirurgia bariátrica.	O perfil dos pacientes operados era de mulheres na terceira década de vida, brancas, casadas, com ensino superior completo, sedentárias, etilistas, com obesidade mórbida e naturais do estado do Pará, tendo como comorbidade mais frequente a hipertensão arterial.

OLIVEIRA, Lucas Silva Franco de <i>et al.</i>	Repercussões da cirurgia bariátrica na qualidade de vida de pacientes com obesidade: uma revisão integrativa (2018).	Analisar a produção científica acerca de indivíduos obesos durante o período pós-operatório de CB e suas repercussões na QV, além de analisar os principais benefícios da CB.	O presente estudo se configura como uma revisão integrativa da literatura científica.	393 artigos; porém, após a análise dos mesmos, foram selecionados 39 estudos, de acordo com os critérios de inclusão estabelecidos.	Conclui-se que uma das formas mais eficazes no tratamento da obesidade severa é a CB, que faz com que os indivíduos reduzam o peso e tratem as comorbidades provenientes da obesidade, além da mudança de estilo de vida promovida pelos novos hábitos pós-cirúrgicos.
KORTCHMAR, Estela <i>et al.</i>	Reganho de peso após a cirurgia bariátrica: um enfoque de fenomenologia social (2018).	Compreender a experiência de reganho de peso após a cirurgia bariátrica.	Pesquisa qualitativa realizada em um Hospital Público da cidade de São Paulo. A coleta de dados foi realizada entre março a maio de 2017, por meio de entrevistas com dezessete participantes e encerrada quando o conteúdo dos depoimentos responderam ao objetivo do estudo. A análise dos significados foi norteadada pelo referencial teórico-filosófico de Alfred Schütz e estudiosos da fenomenologia social.	Os critérios de inclusão foram pessoas que realizaram a cirurgia bariátrica há mais de um ano, com reganho de peso de mais de 10% do valor perdido, de ambos os sexos, a partir de dezoito anos, residentes na Grande São Paulo.	Os resultados deste estudo permitem ressaltar a importância da escuta qualificada e o acolhimento das questões subjetivas que levam em conta a relação que cada paciente estabelece com a obesidade e com a cirurgia bariátrica. Os aspectos da experiência de reganho de peso destacados no grupo social estudado podem subsidiar a melhoria das práticas profissionais, o incremento do ensino, pesquisa e do conhecimento em saúde.
SIQUEIRA, Alessandra Cansanção; ZANOTTI, Susane Vasconcelos.	Programa de cirurgia bariátrica e reganho de peso. (2017).	Com objetivo de analisar a ocorrência do reganho de peso em um hospital público do Nordeste.	Foi realizado o estudo de caso de um Programa de Cirurgia Bariátrica, com base no registro de prontuários dos pacientes operados em 10 anos de funcionamento do Serviço.	276 prontuários, dos quais foram obtidas as seguintes informações dos pacientes operados no Programa: idade, sexo, procedência, tempo de cirurgia, comparecimento às consultas e reganho de peso. Esses dados evidenciaram que houve um maior número de mulheres operadas; a idade dos pacientes operados variou entre 18 e 60 anos, havendo uma concentração maior de operados na faixa etária compreendida entre 28 e 37 anos.	No presente estudo, foi possível observar que apesar da cirurgia bariátrica ser considerada um tratamento eficaz para obesidade que proporciona perda de peso (Cambi, Marchesini, & Baretta, 2015), há casos em que os pacientes apresentaram reganho de peso no pós-operatório. Esta foi uma situação observada no Programa de cirurgia bariátrica do HUPA Apesar de a técnica cirúrgica ter sido a mesma, os resultados não foram iguais para todos os pacientes. Diante do e posto, conclui-se que, o reganho de peso é uma situação que realça a importância em considerar a relação que cada paciente estabelece com a obesidade, o alimento e a cirurgia bariátrica. Por mais que a clínica da obesidade busque meios de padronização de procedimentos, o reganho de peso evidencia a importância em considerar os aspectos subjetivos no tratamento da obesidade.

Na figura 1 viemos com o intuito de demonstrar o percentual de artigos que tratam sobre os transtornos alimentares em obesos e suas faixas etárias.

Figura 1: Percentual de artigos publicados que tratam sobre transtornos alimentares em obesos e suas faixas etárias.

TRANSTORNOS ALIMENTARES EM OBESOS



Fonte: Pesquisa bibliográfica nas plataformas digitais.

Conforme a figura 1 mostra, foram encontrados 16 artigos que tratavam sobre TA em obesos, sendo que 12 eram sobre adultos e 4 sobre adolescentes.

Um estudo realizado em Belém-Pará cujo objetivo era relacionar a obesidade com TA, foram avaliados, num período de 1 ano e 4 meses, de janeiro de 2016 a maio de 2017, pacientes que frequentaram o Centro de Referência em Obesidade (CROb) da Universidade Federal do Pará. Os pacientes eram de ambos os sexos, 21 homens e 30 mulheres, e tratou não somente a respeito de transtornos alimentares, mas também, sobre a insatisfação corporal e bulimia. Os resultados desse estudo, em relação ao TA, mostrou que os homens apresentaram maiores riscos a desenvolver os transtornos e estão associados à maior peso e altura, vale ressaltar que os homens possuem, geralmente, peso e altura maiores que as mulheres. Adicionalmente a isso, cabe observar que todos esses pacientes eram obesos e apresentaram predisposição a desenvolver algum tipo de TA (ALVES *et al.*, 2018).

Um outro estudo foi publicado pela Revista Online de Pesquisa, Cuidado é Fundamental, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em que compara a existência da

relação entre os comportamentos suicidas com os TA. Observa-se que os números de suicídio entre adolescentes e adultos jovens é bastante alto, levando em consideração o fato de que os jovens têm mais propensão a desenvolverem distúrbios emocionais, o que pode haver uma ligação entre a TA e a taxa de suicídio. Esse estudo mostra que o sexo feminino está mais disposto a enfrentar tais distúrbios, entre eles, anorexia e bulimia e ainda relatou que, em relação à população geral deste estudo, cerca de 7 a 40% já apresentaram comportamentos suicidas (VERAS *et al.*, 2018).

Em pacientes com bulimia nervosa, esse mesmo estudo, evidenciou que as tentativas de suicídios eram maiores, comparadas à pacientes com anorexia, em contrapartida, mostrou que pessoas com anorexia tem 23 vezes mais chances de suicídio. Cerca de 20 a 40% das mortes entre anoréxicos não são provenientes das complicações da doença, e sim, por suicídio e que cerca de 25 a 52% dos indivíduos com anorexia e bulimia podem ser acometidos pela depressão, o que pode aumentar as chances de uma tentativa ou até mesmo a consumação do suicídio (VERAS *et al.*, 2018).

Segundo Khaodhiar e Blackburn (2001), os obesos possuem chances mais elevadas de terem algum transtorno, seja alimentar, seja psicológico. Um estudo publicado em 2019 mostrou que a obesidade pode estar relacionada com a depressão, ansiedade, distorção de imagem corporal e vice e versa, ou seja, as pessoas que possuem algum tipo de transtorno psicológico podem vir a ser uma pessoa obesa, comparadas às pessoas que não possuem nenhum tipo desses transtornos (MERESE; TANAKA; LINARTEVICHI, 2019).

Uma pesquisa feita por Ferreira *et al.* (2018) mostra que as mulheres têm uma tendência maior a insatisfação corporal e a fazerem dietas não confiáveis ou muito restritas, dietas e restrições as quais podem estar associadas à obesidade. A pesquisa ainda mostrou que os homens estavam mais acima do peso comparados às mulheres e que cerca de 52,5% dos brasileiros estão com excesso de peso e 72% dos óbitos no Brasil são causados pelas DCNTs, provenientes da obesidade.

Outro estudo foi realizado pela Universidade Estadual de Maringá (UEM), que visa acompanhar a efetividade do Programa de Multiprofissional de Tratamento da Obesidade. Esse estudo relata que, no Brasil, mais de 20% das pessoas que buscam o emagrecimento possuem TA e que aproximadamente 30% dessas pessoas são obesas. Somado a isso, o estudo avaliou adolescentes de 14 a 17 anos com excesso de peso e TA e mostrou uma perspectiva positiva com o programa, pois obtiveram melhora em relação ao peso e ao IMC e

que, embora as meninas possuem uma predisposição maior que os meninos, a desenvolverem TA, esse estudo não observou diferenças significativas (JUNIOR NARDO *et al.*, 2016).

Na figura 2, o gráfico representa o percentual de pessoas obesas com TA que passaram por CB ou que mesmo após a cirurgia adquiriu ou permaneceu com o transtorno.

Figura 2: percentual de artigos que tratam sobre cirurgia bariátrica e transtornos alimentares.

CIRURGIA BARIÁTRICA E TRANSTORNOS ALIMENTARES



Fonte: Pesquisa bibliográfica nas plataformas digitais.

Foram encontrados 15 artigos que tratavam sobre a CB e 10 artigos sobre pacientes bariátricos com TA, tanto no pré-operatório quanto no pós-operatório, que já possuíam algum transtorno ou vieram a adquirir posteriormente. Dos artigos encontrados que falavam sobre a CB foram considerados em CB e TA, apenas 5 artigos não relacionam a obesidade e a CB com TA.

Levando em consideração que a obesidade é um problema de saúde pública, a CB tem sido muito procurada e tem mostrado bastante eficácia, além da redução do peso, mais de 50%, comparados ao peso pré-operatório, também tem se observado melhora ou controle de algumas DCNTs, foi o que mostrou um estudo feito por Jesus *et al.* (2017), na Universidade

Federal de Sergipe. Levando em consideração que as mulheres têm uma predisposição maior a desenvolverem algum tipo de TA, elas também apresentam maiores chances de voltarem a ganhar peso após a CB. O estudo também mostra que, aproximadamente 33,3% das pessoas que passam pela CB voltam a ganhar peso após 5 anos do procedimento.

Segundo Barros *et al.* (2018), as mulheres sentem-se pressionadas a seguirem um padrão imposto pela sociedade. Acredita-se que esse seja um fator considerável no que diz respeito à procura por CB. Ainda sobre essa pesquisa, mais de 80% dos pacientes bariátricos eram mulheres e as idades variaram de 22 a 70 anos.

Um estudo feito na USP avaliou pacientes do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, durante 24 e 59 meses, a respeito da depressão, ansiedade e compulsão alimentar no período pré-bariátrica e pós-bariátrica. Esse estudo observou que a maior incidência, relacionados ao tema, era do sexo feminino, o que corrobora com outros estudos que apontam as mulheres como sendo a maioria no grupo das CB. Além disso, faz-se um paralelo ao estudo citado anteriormente, onde diz que a prevalência ser do sexo feminino se deve ao fato de que as mulheres se cobram demais em relação ao corpo. Adicionalmente a isso, esse estudo mostra que a relação dessas mulheres com a imagem corporal tem melhorado após a CB, em contrapartida existem relatos de pacientes, desse mesmo estudo, que voltaram a ganhar peso por não conseguirem lidar com os problemas psicológicos, como ansiedade, depressão e comportamento alimentar, e ainda enfatiza que esses pacientes precisam de acompanhamento psíquico, tanto no pré-bariátrica quanto no pós-bariátrica, tendo ou não problemas psicológicos (RIBEIRO *et al.*, 2018).

Outro estudo foi realizado, com o intuito de analisar os motivos pelos quais alguns pacientes bariátricos estavam ganhando peso novamente. O principal objetivo era identificar os “por quês” e “para que” eles acabam perdendo o foco para o controle ou perda de peso. Os pesquisadores fizeram perguntas sobre como eles se sentiam ganhando peso novamente, quais eram os fatores que contribuíram para isso ocorrer e como eles lidavam com tal situação, e notou-se que todas as respostas para aquelas perguntas estavam relacionadas ao emocional de cada um. O mais evidente deles era o TA, onde a compulsão alimentar era mais frequente e a síndrome da alimentação noturna era a que menos aparecia. Além disso, destacaram que a TA poderiam aparecer tanto antes quanto após a CB ou até mesmo piorar os quadros já existentes e também mostrou que a insatisfação corporal, seguido de sentimento de frustração eram bastante significativas e que todas essas questões estão relacionadas ao fator psicológico (KORTCHMAR *et al.*, 2018).

A figura 3 apresenta o percentual de artigos que tratam da obesidade entre adultos e adolescentes.

Figura 3: Percentual de artigos que tratam sobre obesidade em adultos e adolescentes.

OBESIDADE EM ADULTOS E ADOLESCENTES



Fonte: Pesquisa bibliográfica nas plataformas digitais.

Em concordância com a figura 3, 16 artigos foram analisados, todos sobre obesidade, sendo 3 a respeito dos adolescentes e 13 sobre adultos.

A OMS acredita que, em 2016, o número de obesos chegou a 650 milhões e que mais de 1 bilhão de pessoas estavam com excesso de peso. Já os dados da VIGITEL, Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico, no mesmo ano, mostrou que quase 20% da população com idades entre 35 a 64 anos estavam obesos, e que 6 anos antes o percentual era de 15% (BRAGA *et al.*, 2019).

Um estudo observacional foi realizado, cujo objetivo era associar a relação da taxa de mortalidade em pessoas obesas e com excesso de peso nas capitais do Brasil e nas províncias da Argentina. De acordo com os autores do estudo, aproximadamente 57% da população brasileira tem risco de desenvolver ou já estão com sobrepeso. No que concerne à obesidade, o IMC da população brasileira e argentina é maior ou igual a 30 kg/m² e que a taxa de mortalidade é maior em obesos com IMC acima de 35 kg/m². Vale ressaltar que, valores abaixo dos 35 kg/m² e acima dos 25 kg/m², não estão fora do grupo de risco, uma vez que possuem chances aumentadas de desenvolverem DCNTs, as quais preponderam os índices de

mortalidade no mundo (AMANN; SANTOS; GIGANTE, 2019).

Outro estudo deixa em evidência os fatores pelos quais a obesidade vem crescendo no Brasil e no mundo e em todas as faixas etárias. Esse estudo que foi realizado pela Universidade Estadual Paulista, UNESP, mostra que os dados têm aumentado por conta do aumento do consumo de alimentos industrializados, ultra processados, *fast foods* e que isso torna o problema muito mais sério, por exemplo, o aparecimento de outras DCNTs, como hipertensão, doenças cardiovasculares, diabetes e até mesmo alguns tipos de câncer que estão relacionados com a obesidade, pois além da obesidade comprometer a saúde do indivíduo, os alimentos não saudáveis também a compromete (MARÇAL; JARDIM JUNIOR, 2018).

De acordo com o estudo de Barroso *et al.*, (2017), analisa que há uma grande incidência de jovens acima do peso ou com obesidade e que sua grande maioria trata-se de mulheres com idades entre 18 e 59 anos. Vale ressaltar que as mulheres possuem uma desvantagem no quesito hormonal comparadas aos homens e por isso possuem um acúmulo maior de gordura, em contrapartida os homens possuem mais gordura visceral, o que aumenta as chances de doenças cardiovasculares.

Uma pesquisa, de âmbito nacional, realizada nos anos de 2013 e 2014, pela Fundação Oswaldo Cruz em conjunto com o Ministério da Saúde e o IBGE, cujo objetivo era identificar os fatores associados à obesidade. Foram entrevistadas pessoas com idades entre 18 e 70 anos de ambos os sexos e concluíram que mais de 50% dos entrevistados estavam acima do peso e quase 20% eram obesos, em ambos os casos a prevalência maior era em mulheres. Além disso, observaram que os casos de peso excessivo estavam mais presentes a partir dos 40 anos de idade e ainda ressalta, que em 2014, quase 2 bilhões de pessoas, a partir dos 18 anos, estavam acima do peso e 600 milhões eram obesos e, mais uma vez a incidência era em mulheres. Somado a isso, relata também que a obesidade e peso excessivo vem aumentando desde os anos 70 e a desnutrição diminuindo, por causa da transição nutricional. Esse estudo deixou bem evidente o aumento de pessoas com excesso de peso e obesidade, o quanto isso afeta a qualidade de vida desses indivíduos e que os maiores números alcançam as mulheres (FERREIRA; SZWARCOWALD; DAMACENA, 2019).

5. CONCLUSÃO

Grandes partes dos artigos enfatizam a questão do sentimento culpa, de fracasso e vergonha, assim acabam descarregando essas frustrações ao comer. A busca pelo corpo dos sonhos, aceitação e imagem corporal, gera a pessoa obesa ou com sobrepeso um sentimento de fracasso, uma vez que elas estão determinadas a emagrecerem, mudarem o estilo de vida, mas que por conta de algum fator externo acabam perdendo o controle de seus sentimentos e acabam descontando essa frustração na alimentação. Além disso, também enfrentam a vergonha, pois sentem que estão sempre sendo observadas e julgadas pelo corpo, o que também acaba sendo um fator determinante na questão psicológica e isso faz com que mais uma vez busquem emagrecer e novamente acabam se frustrando, gerando assim um círculo vicioso. Sendo que esse círculo pode ser rompido com ajuda psicológica associada ao exercício físico.

Foi observado também uma dificuldade em se chegar a uma resposta absoluta, do porquê as pessoas se tornam obesas ou estão com sobrepeso. É evidente que as pessoas com excesso de peso e obesidade, são assim porque consomem uma quantidade superior de calorias e as gastam pouco, mas o que leva essas pessoas a perderem o controle sobre suas mentes, e de tal forma que precisam comer demasiadamente para mascarar suas decepções, é o que gera muitas indagações a respeito desse assunto.

Grande parte dos estudos relatam que além dos fatores genéticos, fatores psicológicos e o ambiente familiar também contribuem muito para que esses indivíduos vivam essa realidade. Dentre os fatores psicológicos, os transtornos alimentares, seja compulsão, bulimia, anorexia ou síndrome do comer noturno, estão presentes em muitas pessoas com obesidade ou sobrepeso. Além dos TA, existe também uma grande porção de episódios depressivos o que também acaba sendo uma incógnita, pois ninguém consegue chegar a conclusão do que de fato causa a depressão tampouco a obesidade, mas que pessoas obesas podem desenvolver depressão e o oposto também é verdadeiro.

Observou-se que a CB tem sido bastante eficaz para o controle de peso, apesar de alguns estudos relatarem uma incidência, um tanto quanto relevante, ao ganho de peso. Pacientes com um certo tempo de CB mostram efeitos positivos no quesito saúde fisiológica e mental, porém após um período, entre 2 e 5 anos, alguns voltam a apresentar algum TA ou até mesmo depressão, outros que não possuíam nenhum tipo de transtorno ou episódios depressivos, acabam desenvolvendo e por consequência disso acabam ganhando peso

novamente. Um outro aspecto observado, foi a predominância do sexo feminino, seja na questão da obesidade, CB, transtornos psicológicos, como depressão, ansiedade e TAs, elas também possuem uma predisposição maior, comparadas ao sexo masculino, a desenvolverem qualquer uma dessas patologias.

Pôde-se observar que os TAs estão presentes, muitas vezes, antes e depois da CB, o que acaba corroborando com muitos estudos encontrados à respeito disso e que frisam a importância de um acompanhamento psicológico e nutricional. As pessoas submetidas à CB, precisam mudar o comportamento alimentar e forma de encarar certas situações do cotidiano, pois se não aprenderem a controlar suas emoções, irão ganhar peso novamente e voltarão àquele círculo vicioso, o que certamente as deixarão frustradas novamente.

Logo, o papel do nutricionista é de extrema importância, tanto para pessoas eutróficas, quanto para as pessoas que estão acima do peso ou até mesmo obesas, pois em conjunto com outros profissionais, como psicólogos, médicos, etc, o nutricionista consegue adequar a dieta ao indivíduo de acordo com suas necessidades. Além disso, vale reforçar que o paciente pós bariátrica, possui um déficit de vitaminas e minerais no organismo, levando em consideração que grande parte da absorção de nutrientes ingeridos é comprometida, o que pode vir a prejudicar esse paciente futuramente, de modo que seja imprescindível um acompanhamento individual e adequado à cada um desses pacientes.

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Eduardo Botti. Análise das internações hospitalares para procedimentos de cirurgia bariátrica financiadas pelo SUS em âmbito nacional. **Rev. USP Medicina Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto, SP, v.52 n.3, 2019.
- ALVES, Márcia de Fátima Corrêa et al. Transtornos alimentares em obesos atendidos em um hospital universitário. São Paulo. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**. v.12. n.70. p.182-189, 2018.
- AMANN, Valerias Romina; DOS SANTOS, Leonardo Pozza; GIGANTE, Denise Petrucci. Associação entre excesso de peso e obesidade e mortalidade em capitais brasileiras e províncias argentinas. **Cadernos de Saúde Pública [online]**. v. 35, n. 12, 2019.
- ARAÚJO, Flávia Maria et al. Obesidade: possibilidades de existir e práticas de cuidado. **Saúde e Sociedade [online]**. v. 28, n. 2. pp. 249-260, 2019.
- ARAÚJO, Gabriella Bisi et al. Perfil clínico-epidemiológico de pacientes submetidos à cirurgia bariátrica. **Rev. Pará Research Medical Journal**. Belém, PA. vol.1, n 4, e38, 2018.
- ALVES, Márcia de Fátima Corrêa et al. Transtornos alimentares em obesos atendidos em um hospital universitário. **RBONE-Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 12, n. 70, p. 182-189, 2018.
- BARROSO, Taianah Almeida et al. Associação Entre a Obesidade Central e a Incidência de Doenças e Fatores de Risco Cardiovascular. Rio de Janeiro. **Int. J. Cardiovasc. Sci.** v. 30, n. 5, p. 416-424, 2017.
- BLOCH, Katia Vergetti et al. ERICA: prevalências de hipertensão arterial e obesidade em adolescentes brasileiros. **Revista de Saúde Pública [online]**. v. 50. 2016.
- BRAGA, Vanessa Augusta et al. Atuação de enfermeiros voltada para a obesidade na Unidade Básica de Saúde. Brasília. **Rev. Bras. Enferm.** v. 73, n. 2, e20180404. 2020.
- CAMARGOS, Ana Cristina Resende et al. Prevalência de sobrepeso e de obesidade no primeiro ano de vida nas Estratégias Saúde da Família. Rio de Janeiro. **Cad. saúde colet.**, v. 27, n. 1, p. 32-38, 2019.
- CASTILHO, Mario Moreira et al. Efeitos de um programa multiprofissional de tratamento da obesidade no ambiente aquático em adultos com obesidade severa. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 1, e12910111636, 2021.
- DE CASTRO, Jéssica Marliére et al. Prevalência de sobrepeso e obesidade e os fatores de risco associados em adolescentes. São Paulo. **RBONE-Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**, v. 12, n. 69, p. 84-93, 2018.
- DE SOUZA, Ana Paula Leme; PESSA, Rosane Pilot. Tratamento dos transtornos alimentares: fatores associados ao abandono. **J. bras. psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 65, n. 1, p. 60-67, 2016.

DE OLIVEIRA, Carla Braga Campelo et al. Obesidade: inflamação e compostos bioativos. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 8, n. 1, p. 1-5, 2020.

DUNKER, Karin Louise Lenz; ALVARENGA, Marle dos Santos; CLAUDINO, Angélica Medeiros. Prevenção de transtornos alimentares e obesidade: relato de experiência da implementação do programa New Moves. Rio de Janeiro. **Rev. Saúde Debate**. v.42, n 116, P. 331-342. 2018.

DOLINSKY, Manuela. Emagrecimento Permanente: nutrição para uma vida saudável. 1.ed. Rio de Janeiro. **Roca**. 2015.

ELIAS, Alexandre Amado et al. Cirurgia bariátrica robótico-assistida: análise de série de casos e comparação com via laparoscópica. **Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgões [online]**. v. 45, n. 3. 2018.

EDUARDO, Camila Aquino et al. Cirurgia bariátrica: a percepção do paciente frente ao impacto físico, psicológico e social. **Rev. Enfermagem do Centro Oeste Mineiro**. v.7, n 22. 2019.

FERREIRA, Arthur Pate de Souza; SZWARCOWALD, Célia Landmann; DAMACENA, Giseli Nogueira. Prevalência e fatores associados à obesidade na população brasileira: estudo com dados aferidos da Pesquisa Nacional de Saúde. São Paulo. **Rev. bras. epidemiol**. v. 22. 2019.

FERREIRA, Paula Daianny Alves Araújo et al. Prevalência de sobrepeso e obesidade e os fatores de risco associados em adolescentes. Ribeira de Pena. **Rev. Motricidade** Vol. 14, Ed. 1. 2018.

FORTES, Leonardo de Souza et al. Modelo etiológico dos comportamentos de risco para os transtornos alimentares em adolescentes brasileiros do sexo feminino. **Cadernos de Saúde Pública [online]**. v. 32, n. 4. 2016.

FUSCO, Suzimar de Fátima Benato et al. Ansiedade, qualidade do sono e compulsão alimentar em adultos com sobrepeso ou obesidade **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 54, e 03656, 2020.

GOUVEIA, Maria João Rosa; CANAVARRO, Maria Cristina Cruz Sousa Portocarrero; MOREIRA, Helena. O papel moderador do peso na associação entre as dificuldades de regulação emocional e os comportamentos alimentares. Lusíada. **Rev. de psicologia da criança e do adolescente**. v. 08, n. 01. 2017.

GONÇALVES; Jaqueline Teixeira Teles et al. Sobrepeso e obesidade e fatores associados ao climatério. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. v. 21, n. 4. 2016.

JESUS, Aline Dantas et al. Comportamento alimentar de pacientes de pré e pós-cirurgia bariátrica. São Paulo. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**. v.11. n.63. p.187-196. 2017.

KESSLER, Amanda Luisa; POLL, Fabiana Assmann. Relação entre imagem corporal, atitudes para transtornos alimentares e estado nutricional em universitárias da área da saúde. **J. bras. psiquiatr.** Rio de Janeiro. v. 67, n. 2, p. 118-125. 2018.

KORTCHMAR, Estela et al. Reganho de peso após a cirurgia bariátrica: um enfoque de fenomenologia social. **Acta Paulista de Enfermagem [online]**. v.31, n 4. 2018.

MAHAN, L Kathleen; RAYMOND, L Janice. **Krause: Alimentação, Nutrição e Dietoterapia**. 14.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

MALTA, Deborah Carvalho et al. Tendência temporal da prevalência de obesidade mórbida na população adulta brasileira entre os anos de 2006 e 2017. **Cadernos de Saúde Pública [online]**. v. 35, n. 9. 2019.

MARÇAL, Tatiane Aparecida Endise de Abreu; JARDIM JR, Elerson Gaetti. Intervenção psicológica em adultos obesos com o transtorno da compulsão alimentar periódica (TCAP). **ARCHIVES OF HEALTH INVESTIGATION**, v. 7, n. 2, 2018.

MELO, Karen Muniz et al. Influência do comportamento dos pais durante a refeição e no excesso de peso na infância. Rio de Janeiro. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**. vol. 21, núm. 4, pp. 1-6, 2017.

MERESE, Angélica Cristina; TANAKA, Cindy; LINARTEVICH, Vagner Fagnani. Interrelação entre cirurgia bariátrica e transtorno depressivo maior. **Rev. Thêma et Scientia**. v.9, n. 2, 2019.

NARDO JUNIOR, Nelson et al. Efetividade de um programa multiprofissional de tratamento da obesidade em adolescentes: impacto sobre transtorno de compulsão alimentar periódica. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, SP, v. 23, n. 1, p. 807–815, 2016.

NILSON, Eduardo Augusto Fernandes et al. Custos atribuíveis à obesidade, hipertensão e diabetes no Sistema Único de Saúde, Brasil, 2018. **Revista Panamericana de Saúde Pública [online]** v. 44 e 32, 2019.

NILSON, Eduardo Augusto Fernandes et al. Custos atribuíveis a obesidade, hipertensão e diabetes no Sistema Único de Saúde, Brasil, 2018. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 44, p. e32, 2020.

OLIVEIRA, Lucas Silva Franco de et al. Repercussões da cirurgia bariátrica na qualidade de vida de pacientes com obesidade: uma revisão integrativa. **Rev. Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**. vol.12. n 69, 2018.

PEREIRA, Daniella Christiane Leite; LIMA, Sônia Maria Rolim Rosa. Prevalência de sobrepeso e obesidade em mulheres após a menopausa. **Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa São Paulo [online]**. v.60, n 1. 2015.

PONTE, Michelle Alves Vasconcelos et al. Autoimagem corporal e prevalência de sobrepeso e obesidade em estudantes universitários. **Rev. Brasileira Promoção Saúde**. v. 32, 2019.

RENDEIRO, Luana Costa et al. Consumo alimentar e adequação nutricional de adultos com obesidade. São Paulo. **Revista Brasileira de Obesidade, Nutrição e Emagrecimento**. v. 12. n. 76, 2018.

RIBEIRO, Graziela Aparecida Nogueira de Almeida et al. Depressão, ansiedade e compulsão alimentar antes e após cirurgia bariátrica: Problemas que persistem. **ABCD, Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva**, São Paulo , v. 31, n. 1, 2018.

RIBEIRO, Graziela Aparecida Nogueira de Almeida et al. Depressão, ansiedade e compulsão alimentar antes e após cirurgia bariátrica: Problemas que persistem. **ABCD. Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva**, v. 31, São Paulo, 2018.

SILVA, Larissa Ferreira; COSTA, Adriana Barbosa. Prevalência de sobrepeso e obesidade em crianças de diferentes condições socioeconômicas. Monografia (Graduação) – **Faculdade de Ciências da Educação e Saúde**, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2018.

SIQUEIRA, Alessandra Cansanção; ZANOTTI, Susane Vasconcelos. Programa de cirurgia bariátrica e reganho de peso. Maceió-AL. **Psicologia, Saúde e Doenças**. v.18, n 1, 2017.

SOIHET, Julie; SILVA, Aline David. Efeitos psicológicos e metabólicos da restrição alimentar no transtorno de compulsão alimentar. **Rev. Nutrição Brasil** v. 18, n. 1 p. 55, 2019.

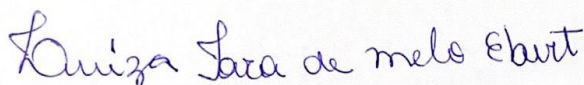
VERAS, Juliana Lourenço Araújo et al. Relação entre comportamento suicida e transtornos alimentares: uma revisão sistematizada. Rio de Janeiro. **Rev. Pesquisa, Cuidado é Fundamental [online]**. v.10, ed. 1, 2018.

Umuarama, 10 de Novembro de 2021.

DECLARAÇÃO DE AUTORIA

Declaro para os devidos fins que eu, LUÍZA IARA DE MELO EBERT, RG: 12.723.376-4 – SSP-PR, aluna do Curso de graduação em nutrição da Universidade Paranaense – UNIPAR sou autor do trabalho intitulado: “OBESIDADE E TRANSTORNO ALIMENTAR NO PRÉ E PÓS CIRURGIA BARIÁTRICA”, que agora submeto à banca examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso – NUTRIÇÃO

Também declaro que é um trabalho inédito, nunca submetido à publicação anteriormente em qualquer meio de difusão científica.



Nome do Aluno
LUÍZA IARA DE MELO EBERT